

Inclasssi ficáveis

Material Digital do Professor

Daiane Cristina Pereira

PROJETO DE LEITURA DE *INCLASSIFICÁVEIS*, DE EDUARDO MAHON

© Daiane Cristina Pereira, 2021.

Este Material Digital do Professor é parte integrante do Manual do Professor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Douglas Rios – Bibliotecário – CRB1/1610)

P436m

Pereira, Daiane Cristina.

Material digital do professor: projeto de leitura de
"Inclassificáveis" de Eduardo Mahon (e-book) / Daiane Cristina
Pereira. 1ª edição. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2021.
45 p.

1. Literatura. 2. Contos. 3. Manual do professor.
4. Projeto de leitura. I. Título.

CDU 82

Índices para catálogo sistemático:
1.Literatura – Contos – 82

Editor

Ramon Carlini

Textos

Daiane Cristina Pereira

Capa e diagramação

Elaine Caniato

Revisão

Doralice Jacomazi



Carlini & Caniato Editorial (nome fantasia da Editora TantaTinta Ltda.)

Rua Nossa Senhora de Santana, 139 – sl. 03 – Centro-Sul – 78.020-122

Cuiabá-MT – (65) 3023-5714

www.carliniecaniato.com.br - contato@tantatinta.com.br

SUMÁRIO

CARTA AO(À) PROFESSOR(A)	4
ATIVIDADE DE LEITURA 1	6
1.1 Pré-leitura	6
1.1.1 A palavra “inclassificáveis” e seus sentidos	6
1.2 Leitura	11
1.2.1 Além da imaginação.....	11
1.2.2 Constituição da personagem	12
1.3 Pós-leitura	15
1.3.1 Vamos fazer um <i>podcast</i> ?	15
 ATIVIDADE DE LEITURA 2	 17
2.1 Pré-leitura	17
2.2 Leitura	18
2.3 Pós-Leitura.....	22
 APROFUNDAMENTO	 24
3.1 Narrativa fantástica	24
3.2 Um olhar sobre as personagens de <i>Inclassificáveis</i>	30
3.3 Elementos do conto	35
 SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES	 38
BIBLIOGRAFIA COMENTADA	41

CARTA AO(À) PROFESSOR(A)

Prezado(a) professor(a),

A partir do ano de 2017, com a Lei nº 13.415, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) passou a ser o guia para o Novo Ensino Médio e dentre suas normativas está a formação humanizada. Dentro desse projeto, é importante que o aluno conheça a si mesmo, mas também compreenda o outro, desfazendo-se de preconceitos, ou seja, o Ensino Médio deve “combater estereótipos, discriminações de qualquer natureza e violações de direitos de pessoas ou grupos sociais, favorecendo o convívio com a diferença” (BNCC, 2017).

Antônio Candido (2011, p. 117), em seu famoso texto “O direito à literatura”, pontua que a literatura é um fator fundamental de humanização, e, nesse sentido, acreditamos que a literatura possa ajudar no trabalho que a BNCC propõe, ensinando nossos alunos a respeitar os outros e suas diferenças.

Sendo assim, um livro como *Inclassificáveis* é bastante interessante, porque, além de garantir a fruição estética devido à qualidade da linguagem e construção literária que ali se encontram, de incentivar o pensamento filosófico, promove o questionamento sobre os posicionamentos éticos sobre o mundo e sobre o outro, estimula o entendimento das diferenças e propõe a arte como ação modificadora, fornecendo uma reflexão sobre si mesmo e sobre o mundo.

Seguindo os parâmetros expostos na BNCC, preparamos atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura, tanto para professores de Língua Portuguesa, quanto professores de Ciências Humanas, que podem ser realizadas na íntegra ou adaptadas à necessidade do professor e da sala de aula. No primeiro caso, escolhemos trabalhar com elementos linguísticos e literários, tais como o uso de palavras, o gênero literário e as personagens, mas também propusemos uma reflexão sobre o outro, com a intenção de descortinar os preconceitos, promover uma avaliação sobre os seus próprios pontos de vista e sobre o papel da arte no mundo.

No segundo caso, partindo da história do circo, propusemos pensar o corpo historicamente, propondo uma reflexão sobre suas diferentes formas de exploração, seja como forma de forçar os limites, seja como alvo de estigma e preconceito, seja como virtude. Pensamos

que dessa forma é possível que o aluno se identifique com o sofrimento do outro, mas, ao mesmo tempo, valorize a si mesmo, naquilo que seu corpo tem de diferente e único.

Em todo o projeto de concepção deste manual, pensamos em seus alunos como agentes do processo de ensino-aprendizagem, bem como protagonistas da sua própria vida. Portanto, incentive-os a ler o livro, dar sua opinião, tirar suas dúvidas e participar das discussões que a obra pode suscitar.

Fizemos também uma seção de **Aprofundamento** com informações mais completas sobre o gênero fantástico, com o qual o livro se assemelha, sobre as personagens, porque elas são parte importante nas ideias desenvolvidas nele, assim como sobre o gênero literário conto, pois, além de a obra utilizar a sua estrutura, existe uma atividade em que os conhecimentos sobre ele são solicitados.

No final, você também encontra uma bibliografia comentada, a qual apresenta todos os textos, livros, filmes, sites e músicas utilizados, bem como mais algumas sugestões caso você se interesse ou deseje mais informações para desenvolver na sala de aula.

Esperamos que você e seus alunos aproveitem a leitura de *Inclassificáveis*.

Bom trabalho!

ATIVIDADE DE LEITURA 1

Visando proporcionar a formação leitora de seus alunos de Ensino Médio, sugerimos algumas atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura do livro *Inclassificáveis*, de Eduardo Mahon. As atividades são apenas sugestões e você pode utilizá-las de maneira integral, escolher as que deseja ou ainda adaptá-las, tendo sempre em vista as finalidades do seu plano de aula.

As atividades a seguir contemplam as seguintes habilidades para o componente de Línguas e suas Tecnologias são:

EM13LGG102 EM13LGG103 EM13LGG202 EM13LGG30 EM13LGG302 EM13LGG502 EM13LGG602 EM13LGG603 EM13LGG701 EM13LGG702 EM13LGG703 EM13LP01 EM13LP02 EM13LP06 EM13LP13 EM13LP14 EM13LP15 EM13LP16 EM13LP17 EM13LP18 EM13LP46 EM13LP47 EM13LP54

1.1 Pré-leitura

1.1.1 A palavra “inclassificáveis” e seus sentidos

Comece a atividade explorando o livro com os alunos, olhando a capa, vendo sua ilustração e a foto do escritor Eduardo Mahon, lendo sua biografia que se encontra na orelha do livro, bem como as pequenas sínteses avaliativas que permitem aos alunos entreverem alguns aspectos temáticos desenvolvidos na narrativa.

Em seguida, inicie uma conversa com os alunos, cujo tema será a palavra “inclassificáveis” que aparece no título. Pergunte o que eles acham que ela significa, em que frases poderia ser usada, que tipo de coisa poderia adjetivar. Para facilitar o trabalho, você pode partir da acepção da palavra “classificável”, que aqui tiramos do *Dicionário Priberam* online, mas que você pode consultar, ou pedir para que eles procurem, em outros dicionários, sejam eles impressos ou online:

clas-si-fi-cá-vel (*classificar* + *-ável*): adjetivo de dois gêneros Que se pode classificar.

(Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/classific%C3%A1vel>. Acesso em: 13 jan. 2021).

Para facilitar, você ainda pode recorrer aos significados de “classificar” e “classificação”. Então, lembre aos alunos que o prefixo “in-”, que aparece na formação da palavra “inclassificáveis”, tem a função de formar palavras através da negação, convertendo a palavra de origem em seu sentido oposto, muitas vezes em um sentido negativo, mais desfavorável. Para exemplificar tal noção, você pode valer-se de alguns exemplos de como essas palavras são formadas, tais como:

domável → indomável

controlável → incontrolável

substituível → insubstituível

Dessa maneira, a partir das acepções que vocês encontraram, peça para que os alunos tentem definir o significado da palavra “inclassificáveis”. Você pode colocá-la no centro da lousa e em volta dela as definições que os alunos derem. Provavelmente eles irão responder que ela se refere àquilo “que não pode ser classificado”. Estimule-os, no entanto, a ir além dessa acepção primeira, pedindo para que eles deem sinônimos e antônimos, usem-na em frases diversas, apliquem-na em animais, pessoas, coisas, etc.

Nesse momento, peça que voltem novamente ao dicionário para verificar se suas hipóteses sobre a palavra estavam certas ou erradas. Aqui trazemos a definição que aparece tanto no *Dicionário Priberam* online, quanto a do *Google*, visto que juntas trazem significados mais interessantes para a palavra, mas também ao livro estudado:

in·clas·si·fi·cá·vel *adjetivo de dois gêneros*

1. Que não se pode classificar. = INQUALIFICÁVEL

2. Digno de censura ou reprovação.

(Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/inclassific%C3%A1vel> Acesso em: 13 jan. 2021).

inclassificável *adjetivo de dois gêneros*

que não se pode classificar.

- fora de ordem; confuso, desordenado, misturado.

- “papelada i.”

POR EXTENSÃO

-que não se pode definir, qualificar com precisão; indizível.

“vestia-se de uma maneira i.”

(Google. Disponível em: https://www.google.com/search?q=inclassific%C3%A1vel&sx=srf=ALeKk01VaLBbRk4p89TdPg8caAMo0Xh6Cw:1610561038179&source=lnms&sa=X&ved=0ahUKewi9iMe0v5nuAhXQHLkGHe_UAQYQ_AUICigA&biw=1366&bih=663&dpr=1. Acesso em: 13 jan. 2021).

Pergunte aos alunos se eles acreditam que as acepções do dicionário e do site de busca confirmam ou excluem sua hipótese sobre o significado da palavra. Ressalte que, apesar de a palavra aparentemente ter sentido negativo, ela pode ser ligada também a coisas indescritíveis, extraordinárias, além de se referir à diversidade de coisas, de pessoas. Um grupo de pessoas heterogêneo, variado, pode ser de fato “indescritível” pela quantidade de indivíduos diferentes que apresenta.

Para reforçar essa ideia, retome a música “Inclassificáveis”, que serve de epígrafe ao livro de Eduardo Mahon, e mostre que a diversidade do povo brasileiro, representada pelos negros, índios, brancos, orientais, dentre outros, pela miscigenação desses povos, assim como a diversidade de religiões e culturas, dificulta para que sejamos classificáveis, para que se possa definir exatamente o que é o brasileiro, ou seja, somos inclassificáveis. Apresente a letra da música e o clipe produzido por alunos da sétima série da Escola Tereza Pinheiro de Almeida, em Angra dos Reis – RJ (2008), que ilustra bem os temas tratados tanto na música, quanto no livro estudado:

Inclassificáveis

(Arnaldo Antunes)

Que preto, que branco, que índio o quê?
Que branco, que índio, que preto o quê?
Que índio, que preto, que branco o quê?

Que preto branco índio o quê?
Branco índio preto o quê?
Índio preto branco o quê?

Aqui somos mestiços, mulatos
Cafuzos, pardos, mamelucos, sararás
Crilouros, guaranisseis e judárabes
Aqui somos mestiços, mulatos
Cafuzos, pardos, mamelucos, sararás
Crilouros, guaranisseis e judárabes

Orientupis, orientupis
Ameriquítalos luso-nipo caboclos
Orientupis, orientupis
Ameriquítalos luso-nipo caboclos
Orientupis, orientupis

Iberibárbaros indo-ciganagôs
Orientupis, orientupis
Iberibárbaros indo-ciganagôs

Somos o que somos
Somos o que somos
Inclassificáveis
Inclassificáveis

Não tem um, tem dois
Não tem dois, tem três
Não tem lei, tem leis
Não tem vez, tem vezes
Não tem deus, tem deuses

Não há sol a sós
Não há sol a sós
Não há sol a sós
Não há sol a sós

Aqui somos mestiços, mulatos
Cafuzos, pardos, tapuias, tupinamboclos
Americarataís, yorubárbaros

Somos o que somos
Somos o que somos
Inclassificáveis
Inclassificáveis (Inclassificáveis)
Somos o que somos
Somos o que somos
Inclassificáveis
Inclassificáveis
Que preto, que branco, que índio o quê?
Que branco, que índio, que preto o quê?
Que índio, que preto, que branco o quê?

Não tem um, tem dois
Não tem dois, tem três

Não tem lei, tem leis
Não tem vez, tem vezes
Não tem deus, tem deuses
Não tem cor, tem cores

Não há sol a sós
Não há sol a sós
Não há sol a sós
Não há sol a sós

Egipciganos, tupinamboclos (Não há sol a sós)
Yorubárbaros, carataís (Não há sol a sós)
Caribocarijós, orientapuias (Não há sol a sós)
Mamemulatos, tropicaburés (Não há sol a sós)
Chibarroados, mestiçigados (Não há sol a sós)
Oxigenados, debaixo do sol (Não há sol a sós)

Somos o que somos (Não há sol)
Somos o que somos (A sós)
Inclassificáveis (Não há sol)
Inclassificáveis (A sós)

Egipciganos, tupinamboclos (Não há sol a sós)
Yorubárbaros, carataís (Não há sol a sós)
Caribocarijós, orientapuias (Não há sol a sós)
Mamemulatos, tropicaburés (Não há sol a sós)
Chibarroados, mestiçigados (Não há sol a sós)
Oxigenados, debaixo do sol (Não há sol a sós)

Não há sol a sós
Não há sol a sós
Não há sol a sós

(ANTUNES, [s.d.]. Disponível em: <https://www.musixmatch.com/pt-br/letras/Arnaldo-Antunes/Inclassific%C3%A1veis>)

Convide os alunos a refletirem sobre o sentido da música, deixando a questão formal para outro momento, se assim desejar. Comece ressaltando o questionamento inicial sobre

a definição mais comum do brasileiro: será que somos apenas brancos, negros e índios? Mostre também que a junção de dois substantivos/adjetivos, que definem duas diferentes etnias que fazem parte do Brasil, causa estranhamento ao leitor/ouvinte, mas também ajuda a entender a diversidade que constitui o nosso povo.

Temos um bom exemplo desse uso no 3º verso da 3ª estrofe, em que Arnaldo Antunes mistura as palavras crioulo + louro, guarani + nisseis, judeus + árabes para demonstrar o caldo cultural e étnico que forma o povo brasileiro. Você também pode reforçar a noção de comunidade que a música quer invocar, falando sobre as estrofes que apontam que não somos um só, que não temos apenas uma lei, nem apenas uma religião: somos um povo diverso, variado, passível de ser entendido como comunidade. Além disso, pode salientar outros aspectos da música que julgar interessante ou que surgirem espontaneamente durante a aula.

Ao fim dessa atividade, os alunos deverão ter em mente que o termo “inclassificáveis”, que nomeia o livro que vocês irão ler, é polissêmico e permitirá trazer novos significados à obra, que vão desde o estranhamento, o medo e mesmo a repulsa, até as noções de diversidade, comunidade e aceitação.

1.2 Leitura

1.2.1 Além da imaginação

Acreditamos que a primeira atividade de leitura possa começar na sala de aula, já que o livro apresenta capítulos curtos, o que permite ao professor utilizar o primeiro capítulo como um estímulo para seus alunos. Dessa maneira, você pode lê-lo em sala de aula, destacando através da pausa, da entonação, da voz e de determinados gestos e trejeitos a aura de inquietação e mistério que se impõe nesse capítulo. Se não tiver muito jeito para esse tipo de expressão, você pode pedir para que um aluno, ou mais de um, leia o texto em voz alta.

Como podemos recordar, o livro começa com a chegada de um grupo de carroças, carros de bois, um calhambeque e pessoas estranhas à cidade de Cartesinos, que, como o próprio nome sugere, possui uma visão mais pragmática e calcada na realidade da vida, e, portanto, se mostra muito curiosa e assustada com “a serpente de andrajos” (MAHON, 2021, p. 11). É o menino Beto Prajá, mais aberto àquilo que é novo, quem descobre que o grupo estranho é, na verdade, uma trupe circense. Um clima de mistério e curiosidade envolve toda a cidade, acostumada a uma vida cotidiana baseada no real e na falta de novidades.

Após a leitura do capítulo, retome alguns trechos que formam a aura de mistério, mostrando aos alunos como uma perspectiva fantástica vai se construindo, o que irá reforçar a antítese entre real e fantasia, que se contrapõem nas atitudes e caracterizações dos habitantes da cidade e da trupe do circo. Um bom exemplo do trecho que você pode empregar diz respeito à suspensão geral que se estabelece na cidade, estarecida com a chegada do circo:

O povo pasmou. A expectativa para saber quem era e o que queriam os forasteiros foi maior do que o rogo pela chuva. Como resultado, a novena na igrejinha de adobe sofreu suspensão, o bar da praça fechou as portas de par em par e até mesmo a janela da viúva Leocádia ficou vazia. No ar, o mau agouro do vento morno informava a todos que a chuva não vinha e que as lavouras iriam ficar mais um dia em jejum. Ainda assim, um mudo alvoroço de formigas apalermadas tomou conta de Cartesinos, esparramando medo e alegria, júbilo e horror. (MAHON, 2021, p. 11).

Reforce, no trecho, por exemplo, as palavras que se referem aos estranhos chegando ao lugar, como “forasteiro” na primeira linha, assim como o susto dos moradores da cidade que param a missa, fecham o bar e outros lugares da cidade por medo, mas também pela expectativa em saber quem e como eram aquelas pessoas. Você pode destacar outros elementos que lhe parecerem interessantes e que levem os alunos a adentrarem a esfera do fantástico que perpassa todo o primeiro capítulo.

Após a apresentação, discuta rapidamente com os alunos o que eles acreditam que possa acontecer quando alguém ou um grupo de pessoas diferentes chega a um ambiente. Como seria se chegassem a sua escola? Em seu bairro? À sua comunidade? À sua cidade? Que tipo de sentimentos e impressões essas pessoas causariam?

A partir dessa discussão, peça para que eles escrevam uma narrativa curta, imaginando o que acontecerá no livro a partir desse momento. Você pode pedir para que reescrevam esse início, sugerindo que imaginem quais as impressões que o circo causaria a eles, caso vivessem em Cartesinos. Essa atividade permitirá que eles reflitam e adiantem um pouco a constituição das personagens, assim como as características fantásticas construídas, desconstruídas e reconstituídas ao longo do livro.

1.2.2 Constituição da personagem

Para essa atividade, dividiremos os prazos de leitura do livro em três partes, todas feitas em casa: do primeiro capítulo à segunda parte, da segunda parte ao desfecho e, por fim, o desfecho. Toda a leitura terá como fio condutor a constituição da personagem, sua perspectiva como parte de um grupo social e o papel mágico da arte como forma de constituição de novas mentalidades e realidades.

Assim, solicite aos alunos que façam a leitura detida do livro *Os inclassificáveis*, sempre consultando dicionários, enciclopédias e a internet para dirimirem dúvidas e procurarem termos desconhecidos que possam aparecer. Estimule para que anotem as partes mais interessantes, os elementos de que mais gostaram e os de que menos gostaram, buscando como objetivo a fruição do livro.

Após a leitura individual, peça para que cada aluno escolha uma personagem e levante suas características físicas, psicológicas, suas atitudes e percursos nesse início da narrativa, etc., visando constituir uma ideia do que é essa personagem. Para facilitar o trabalho, você

pode apresentar alguns elementos teóricos sobre a constituição da personagem (mais informações podem ser encontradas na seção **Aprofundamento**).

Depois de colher as informações das personagens, vocês podem montar dois grandes quadros, um para a cidade de Cartesinos, outro para o grupo da trupe circense, nos quais constarão o nome das personagens, suas características e percursos iniciais. Lembre-se de deixar um espaço para as características e percursos finais, visto que o interessante do livro de Eduardo Mahon é que as personagens se modificam conforme se conhecem e interagem, permitindo que alterem e reconstituam a visão que têm dos outros e de si mesmas.

Seria interessante que vocês renomeassem esses quadros, conforme as características que encontrassem em cada grupo, como real X imaginário, cidadãos comuns X grupo mitológico, realista X artista, etc.

Peça que os alunos leiam a segunda parte, ainda anotando as características das personagens, no entanto, não completem o quadro anterior ainda, visto que a modificação dos habitantes da cidade só se dá no desfecho. Chame a atenção dos alunos sobre a mudança de olhar que teremos sobre as personagens nesse segundo momento, porque, como podemos lembrar, existe um maior aprofundamento na caracterização de algumas delas, principalmente aquelas pertencentes ao circo. Elas se adaptam à vida da cidade de Cartesinos e desconstroem a imagem mítica que tinham, mostrando que o mundo do circo é feito de construção de um mundo mágico e artístico. Ainda que essas personagens guardem algumas características de quando trabalhavam no circo, como a força dos ciclopes, a capacidade de trabalhar juntas das gêmeas que se apresentavam como siamesas, elas demonstram que a magia do circo vem do trabalho artístico de seus integrantes.

Antes de seguir para a leitura final do desfecho e complementação dos quadros da constituição da personagem, sugiro que assistam antes a um clássico das tardes brasileiras: *Edward Mãos de Tesoura* (BURTON, 1990), para que possam perceber a conexão entre o entendimento e aceitação daquilo que é diferente ou estranho como fator de modificação de mentalidades:

Nome: Edward Mãos de Tesoura

Duração: 105 min. (EUA)

Direção: Tim Burton

Elenco: Johnny Depp, Winona Ryder, Diana West, Anthony Michael Hall

Ainda que não pareça direta, a relação entre o filme de Tim Burton e o livro com que estamos trabalhando pode ser estabelecida se pensarmos na modificação da comunidade em que Edward se insere e a dos moradores de Cartesinos após a chegada do circo. Quando Edward, jovem que mora sozinho no topo da montanha e tem mãos de tesoura, porque seu inventor morreu antes de colocar as humanas, é levado por Peg Boggs para morar em seu

bairro, causa estranheza e repúdio. No entanto, ainda que alguns conservem o ódio e o repúdio até o final, o jovem causará uma grande revolução no bairro ao utilizar suas tesouras para fazer cortes de cabelos espetaculosos e fantásticas esculturas vegetais ou de gelo. Algo parecido acontece com Cartesinos que, além de receber com bons olhos a adaptação dos moradores do circo à cidade, transformam-se eles próprios em integrantes do circo, como se a arte fizesse ver além do real e contaminasse a população.

A metáfora final de ambas as narrativas, a fílmica e a literária, é bastante parecida e reforça o caráter mágico que a chegada do diferente traz. Nunca nevara na cidade norte-americana até a chegada de Edward, porque a neve viria dos cortes feitos no gelo pelo rapaz para construir suas esculturas, assim como a trupe de Beto Prajá também traz a chuva a Cartesinos, como se, ao chegar a arte, também chegasse a esperança. Assim, ambos os eventos meteorológicos se configuram como elementos de magia e esperança, mas também como representação da perspectiva das pessoas do lugar.

Desse modo, faça um trabalho de comparação junto aos alunos e peça para que identifiquem as características do filme que se assemelhem ao livro, principalmente no que diz respeito às personagens, mostrando como Edward, como símbolo do diferente e do sublime, pode se identificar à trupe do circo, assim como, pelo seu forte senso de realidade e a dificuldade em enxergar além, as pessoas da cidade e do bairro norte-americano se assemelham.

Em seguida, solicite aos alunos que leiam o desfecho do livro e retomem as características das personagens, agora com a intenção de preencher o quadro que foi iniciado, pedindo para que observem se elas mudam ou continuam iguais. Como sabemos, o quadro das personagens se inverte, pois, enquanto as personagens do circo se dedicam à vida cotidiana, adaptando suas habilidades às necessidades da cidade, as pessoas da cidade tornam-se mais sonhadoras e assumem o lugar da trupe circense nas viagens pelo país.

Peça que anotem no quadro as modificações que perceberam, assim devem tentar renomeá-los, conforme as alterações constatadas. Então, se antes os moradores da cidade de Cartesinos podiam ser definidos como realistas, agora podem ser vistos como sonhadores; se antes a trupe circense podia ser considerada como seres míticos, agora pode ser vista como pessoas normais.

Finalize essa atividade com um debate oral, cujo objetivo é entender se os alunos perceberam as modificações sofridas pelas personagens em sua trajetória na narrativa. Pergunte se notaram as transformações, quais foram, como e por que foram causadas e, por fim, qual o sentido do livro. Relembre o significado de diversidade que trabalhamos na pré-leitura e permita que eles observem que enxergar o diferente de novas formas permite formar uma comunidade mais diversa, assim como possibilita rever nossos conceitos e ampliar nossos mundos. Além disso, estimule para que vejam que o papel da arte, entre elas a literatura, é modificar nossos pontos de vista, nossa perspectiva da vida e trazer um novo olhar sobre o outro e sobre si mesmo.

1.3 Pós-leitura

1.3.1 Vamos fazer um *podcast*?

A última moda em matéria de tecnologia, informação e entretenimento é o *podcast*, que nada mais é do que um conteúdo gravado em arquivo de áudio que pode ser disponibilizado para baixar ou em uma plataforma de *streaming* na internet. Sendo relativamente fácil de fazer, o *podcast* é bastante democrático para quem o produz e quem o escuta, abrangendo os mais diversos tipos de assuntos. Sua estrutura suporta debates, bate-papos, grupos de opiniões e narrativas que abrangem os mais diversos tipos, vide o sucesso de *Praia dos Ossos* (VIANA, 2020), *podcast* que narra o assassinato de Angela Diniz, o julgamento de seu assassino, bem como a sua culpabilização por parte da sociedade machista da época.

O *podcast* também pode formar como uma espécie de radionovela moderna em que a aura de mistério, de fantasia, pode ser mantida, contando uma boa história. E são justamente esses elementos que *Inclassificáveis* tem, porque, além de partir de uma aura de mistério, fantasia e mágica para desconstruir uma visão estática de mundo, permite discutir diversidade, comunidade, respeito às diferenças, ou seja, é um prato cheio para a produção de um *podcast*.

Consideramos, no entanto, que nesse momento seria importante valorizar o trabalho de escrita dos alunos e, para isso, sugerimos que construam um *podcast* de contos com personagens que sejam estranhas e diferentes, cujas histórias e atitudes modificassem a visão das pessoas sobre elas e sobre o mundo que as cerca, baseadas no trabalho de Eduardo Mahon. Seria interessante que tivesse uma aura fantástica para prender o ouvinte, mas não é completamente necessário. É importante que sejam discutidas a diversidade, a diferença e a transformação.

Para facilitar o trabalho, você pode escolher entre duas opções. Na primeira, pode pedir que os alunos construam uma história para uma das personagens do livro *Inclassificáveis*. Eles poderiam escolher por exemplo um dos ciclopes, imaginar-lhe uma infância, uma adolescência, a sua chegada ao circo, como ele próprio via a modificação causada em Cartesinos pela chegada do circo, etc. Na segunda opção, pode pedir para que eles imaginem uma personagem estranha, diferente, chegando a algum lugar novo e modificando-o. Ou ainda, vocês podem mesclar as duas ideias! O importante é que os alunos escrevam, produzam sobre construir uma personagem, como olhar o diferente e como ele produz uma nova perspectiva de mundo através da arte, por exemplo.

Para organizar a atividade de maneira mais proveitosa, você pode relembrar-lhes rapidamente a estrutura de um conto, focando na noção de que é uma narrativa curta, com poucas personagens, espaço e tempo concentrados, com enredo também concentrado, mas num *crescendo* que tende a um *clímax*, visando a um desfecho final surpreendente (para mais informações, vide a seção **Aprofundamento**).

Como podemos constatar, o livro estudado por nós é um bom exemplo de conto, apesar de quebrar algumas estruturas, como o fato de ter muitos personagens, ou, aparentemente, o tempo cronológico ser alargado.

Depois de os contos dos alunos estarem prontos e vocês passarem pelas etapas de correção e acertos do texto, podem produzir um *podcast*. Escolham o nome, a formatação e façam um roteiro. No roteiro, podem incluir uma vinheta musical de início, uma apresentação do *podcast* lida pelos locutores mostrando a situação de produção, a leitura da narrativa produzida pelos alunos, músicas que favoreçam o tom esperado, uso de efeitos sonoros, vinheta final, etc. Lembre-se, o *podcast* é uma espécie de radionovela moderna. Se precisar de informações sobre o podcast, você pode consultar:

Sites:

Como fazer um podcast. 2021. Disponível em: <https://klickpages.com.br/blog/como-fazer-podcast/>
[Canaltech, 2020](https://canaltech.com.br/internet/melhores-programas-e-sites-para-gravar-podcast/). Melhores programas e sites para gravar um podcast. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/melhores-programas-e-sites-para-gravar-podcast/>

Vídeo no Youtube:

[Hotmart, 2020](https://www.youtube.com/watch?v=rRPU-42zctCg). Como fazer um podcast? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rRPU-42zctCg>

Nos sites e no vídeo sugeridos existe um grande número de programas e plataformas para gravar e armazenar o *podcast* de seus alunos. Agora, é só publicar e divulgar na escola, na comunidade, nas redes sociais. Esperamos que seja um grande sucesso!

ATIVIDADE DE LEITURA 2

As atividades a seguir contemplam as seguintes habilidades para o componente de Linguagens e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, estabelecidas pela BNCC para o Ensino Médio:

EM13LGG502 EM13LGG503 EMCHS401 EMCHS403 EMCHS502 EMCHS503 EMCHS504.

2.1 Pré-leitura

Nossa sugestão de leitura tem por viés, além da fruição artística através do livro de Eduardo Mahon, *Inclassificáveis*, estimular a capacidade dos alunos em analisar situações cotidianas de violência e preconceito, bem como reconhecer e se envolver em situações que promovam os Direitos Humanos (BRASIL, 2017, p. 579). Além disso, pretendemos fazer com que o aluno identifique nas expressões do corpo dentro do circo e nas outras artes formas de violência física, psicológica e simbólica, mas também formas de plena plasticidade e beleza. Assim, entender o corpo em sua multiplicidade permite não só a valorização de si, mas também compreender e aceitar as diferenças que nos envolvem.

Dessa maneira, tendo as artes circenses em foco, lembre os alunos sobre a chegada do circo a Cartesinos. O que acontece? Quais os sentimentos dos moradores? Como sabemos, eles apresentam o medo do diferente, daquilo que não lhes é familiar e parece irreal, expresso através dos corpos dos artistas do circo de André Pinot, que simulam mulheres-gatos, ciclopes, homens-preguiça, etc.

No geral, os nossos alunos já tiveram acesso ao circo de alguma forma. Alguns já foram a circos itinerantes, outros viram pela TV, pela internet, tiveram acesso pelos livros na infância, os quais focavam em animais e personagens graciosas, como a malabarista bela ou o palhaço engraçado. Assim, eles já devem ter tido uma impressão sobre o circo.

Debata rapidamente os sentimentos que tiveram quando foram ao circo, quando assistiram a algo relacionado a isto pela primeira vez. Pergunte o que eles pensam sobre os artistas de circo. Você pode, por exemplo, focar-se nas figuras do malabarista e do acrobata,

justamente pela plasticidade e pela força corporal, e pela tensão causada pelos limites que aqueles artistas se colocam. Por fim, indague quais diferenças enxergam entre esses artistas e os da trupe do livro.

Em seguida, faça uma breve exposição sobre o surgimento do circo, desde suas origens romanas, com a exposição dos gladiadores na arena, passando pela Idade Média e Renascença, com suas exposições, acrobacias, música e teatro, pelos séculos XIX e XX, com o estabelecimento dos *freak shows* (com os quais a trupe de Cartesinos se assemelha), até os dias atuais, em que o circo virou um show mais visual, mais físico, e os corpos dos artistas são vistos pela sua força, beleza e capacidade.

Agora é o momento de os alunos aprofundarem seus conhecimentos sobre o assunto. Para tanto, divida a sala em grupos de quatro alunos e solicite que eles façam uma pesquisa sobre o circo, suas origens, seus personagens, etc. Sugerimos quatro temas, mas você pode colocar mais alguns ou escolher apenas um:

1. A origem do circo.
2. O circo romano e os gladiadores.
3. Os saltimbancos e o circo na Idade Média.
4. A modernização do circo no século XVII: o surgimento do picadeiro.

Você pode ler o artigo “Entre lonas e picadeiros: um estudo sobre as artes circenses”, de Silva e Germano (2008), para entender melhor a história do circo no Brasil e no mundo e ter mais algumas ideias. Reforce para que os alunos observem como no circo, nas épocas pesquisadas, era tratado o corpo. Peça para que vejam se eram levados ao seu limite, ridicularizados, valorizados por sua força, por sua capacidade de se controlar, tratados com violência, entre outras características relacionadas ao assunto.

Combine um período de tempo para que eles possam fazer uma boa pesquisa. Indique alguns sites, alguns artigos e oriente tudo para que façam um bom trabalho. Os alunos deverão apresentar os resultados de maneira oral, podendo contar com auxílio de equipamentos eletrônicos e tecnológicos, elementos visuais e auditivos, como fotos, vídeos, músicas, partes de filmes para ilustrar aquilo que querem dizer. Estimule para que usem a criatividade e a imaginação, tornando o trabalho mais interessante.

2.2 Leitura

Até a segunda metade do livro *Inclassificáveis*, os artistas do circo parecem figuras míticas, fantásticas, que ultrapassam os limites entre o humano e o sagrado, mas também entre o humano e o animal. Durante toda a história da humanidade, figuras anômalas, sejam inventadas pela imaginação, sejam produzidas pela natureza sempre chamaram a atenção e foram motivadores de estranhamento, de fascinação e entretenimento. Desde a Antiguidade,

peças tidas como diferentes por seus problemas genéticos sempre foram alvo de exposição pública com fins de estudo, mas também de entretenimento. No entanto, a partir do século XIX, o capital se apropriou desses corpos e eles passaram a fazer parte da indústria cultural e a gerar dinheiro. Como nos diz Souza (2013, p. 3):

Discursos sobre deformidades e anomalias do corpo fizeram com que indivíduos fossem denominados monstros. Esses discursos partiam do pressuposto de que algumas características físicas e cognitivas eram comuns a todas as pessoas, e aquelas que apresentassem alguma variante desse padrão de normalidade eram classificadas em um grupo à parte. Os monstros da vida real foram apresentados como aberrações em feiras e circos especialmente no século XIX e início do XX. Em países como Inglaterra, França e Estados Unidos, criam-se os *freak shows*, locais onde esses sujeitos-monstros efetivamente poderiam estar.

Como demonstra Foucault (2010, p. 47), em sua aula de 22 de janeiro de 1975, o monstro humano, isto é, alguém que possui alguma característica que o difere da norma dominante, viola as leis da natureza e as leis sociais, mas também é um fenômeno raro, porque fere o limite de ambas. Assim, pela sua raridade, pela excentricidade de seus desvios, é objeto de repulsa, mas também de fascinação, vide a voga dos estudos sobre as anomalias genéticas, dos *fait-divers* sobre crimes famosos nos jornais do século XIX e dos romances naturalistas. Todos os três imputavam à anormalidade biológica ou social todos os problemas da sociedade, causando repulsa, mas também fascinavam parte da população burguesa, dona dos recursos e que podiam gastar com isso. Dessa forma, como nos informa Russo (2000, p. 96), “como uma representação cultural no final do século XIX, o indivíduo anormal pertence ao mundo cada vez mais codificado do espetáculo, aparecendo em cenários culturalmente variados”.

Com essas informações em mente, entendendo o corpo como construção social e, por isso, passível de intervenção do outro, além do contexto do livro de Mahon, que discute a construção artística do corpo estranho no ambiente circense, acreditamos que uma boa atividade de leitura seria investigar melhor como viveram as atrações dos *freak shows* no fim do século XIX e início do século XX. Acreditamos que, com uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto, os alunos vão entender melhor a violência que aquele que é diferente sofre, bem como aceitar as diferenças e valorizar as qualidades de todos.

Para iniciar a atividade, sugerimos três filmes para introduzir a questão, todos eles tratando do corpo humano dentro dos *freak shows* ou espaços de exposição, fazendo deles objeto de estranhamento e entretenimento. São eles:

Nome: *Freaks* (1932)

Duração: 64 min (EUA)

Direção: Tod Browning

Elenco: Wallace Ford, Leila Hyams, Olga Baclanova, Roscoe Ates

Nome: O Homem Elefante (1980)

Duração: 124 min. (EUA, Reino Unido)

Direção: David Lynch

Elenco: Jonh Hurt, Anthony Hophikns, Ane Bancroft, John Gielgud, Wendy Hiller

Nome: Vênus negra (2009)

Duração: 159min. (Bélgica, França, Tunísia)

Direção: Abdellatif Kechiche

Elenco: Yamira Torres, André Jacobs, Oliver Gourmet, François Marthouret, Elina Löwensohn

Sugerimos que você assista aos filmes e escolha o que melhor se adapta à sua sala, tendo em vista que são filmes que tratam de temas sensíveis, que muitas pessoas têm dificuldade em ver. O terceiro filme, apesar de contar a história de uma perspectiva interessante e humanizar a personagem principal, mostrando as violências sofridas por Saartjie Baartman até após a sua morte, pois seu corpo continuou sendo exposto em museus mesmo depois de seu falecimento, deve ser visto com cuidado, posto que a curiosidade sobre ela foca-se sobre seus glúteos, então cenas de nudez são muito comuns no filme. Mas, se seus alunos forem maduros o suficiente, você pode escolher qualquer um dos três e começar a exposição do assunto.

Depois da apresentação do filme, discorra rapidamente sobre o século XIX, seu interesse em classificar os corpos diferentes e a formação dos *freak shows*, ou circo de aberrações (ou ainda, de horrores). Pergunte o que eles conhecem sobre o assunto, se já viram algo relacionado em filmes, séries de TV, sites de internet. É bastante provável que conheçam algo, visto que existem vários sites, filmes e séries sobre o tema. Nos últimos tempos, existiu até uma série de TV ligada ao assunto, *American Horror History – Freak Show* (MURPHY; FALCHUK, 2015), baseada nas personagens reais que apareceram nos *freak shows* dos Estados Unidos e Europa. No entanto, é preciso prestar bastante atenção ao analisar essa série com os alunos, pois, apesar de discutir os preconceitos com relação aos artistas circenses, ela muitas vezes os coloca como perversos ou criminosos. E essa é uma visão que queremos desmistificar.

Discuta com os alunos as violências vistas no filme escolhido e na série, perguntando se ela é física, psicológica, simbólica, no sentido de que essas pessoas não conseguem empregos, nem estudar, não têm boas relações sociais. Questione sobre as hipóteses dos alunos para tal violência: por que, ao mesmo tempo que essas pessoas são expostas no circo, elas não possuem a garantia de respeito e integridade social? Pergunte se acham que, nos dias atuais, ainda persiste o preconceito ou algo teria mudado. Por fim, pergunte as medidas que eles acreditam que poderiam ser tomadas para que essas pessoas fossem integradas à sociedade e para que o preconceito diminuísse.

Um aspecto em comum na biografia dos artistas dos *freak shows* é a violência sofrida. Tal como as personagens do livro de Eduardo Mahon, que são vistas com medo e desprezo por parte dos moradores da cidade, elas são tratadas com desprezo, nojo, medo e até violência física por parte das pessoas. No geral, são exploradas financeiramente por parentes e conhecidos, como é o caso do anão Fritz, de *Freaks*, que é explorado pela bela acrobata Cleópatra. Então, acreditamos que conhecer melhor a história dessas pessoas permite entender o preconceito que viveram, as violências sofridas, mas também exercitar a empatia e a compreensão com relação ao outro e suas diferenças.

Dessa forma, pensamos que na sequência dos filmes seria interessante pedir aos alunos que pesquisassem a vida de alguns participantes desses *freak shows*, não como objeto de curiosidade e entretenimento, mas observando como foram suas vidas por causa do preconceito e das violências sofridas. Como hoje em dia existe muito material sobre o assunto na internet, o ideal é que você oriente seus alunos na pesquisa para que ela gere reflexão e empatia, no lugar de exclusão. Divida a sala em grupos de três ou quatro alunos e peça para que cada um escolha uma pessoa que viveu a experiência destes *freak shows*. Aqui trazemos uma lista com os nomes mais comuns, mas outros podem ser acrescentados por você ou pelos alunos:

- O homem-elefante
- A vênus negra
- O homem cachorro
- A família Lucaise
- A menina camelo
- A menina pássaro
- Chang e Eng Bunker - gêmeos xifópagos
- Daisy e Violet Hilton - gêmeas xifópagas
- O homem com três pernas
- A mulher com quatro pernas

Como podemos constatar, a próprio modo como são chamados objetifica essas pessoas, ressaltando seu caráter estranho, anormal. A apresentação da pesquisa pode ser feita oralmente, ou ainda, de uma maneira mais interessante, com vídeo, com fotos e narração, como se fosse um pequeno documentário de alguns minutos. Peça aos alunos para que reforcem, no texto a ser lido ou na apresentação a ser feita, as violências sofridas por essas pessoas, bem como os preconceitos vividos, tentando marcar o quão difícil suas vidas foram por serem diferentes.

É muito comum ler que o elenco “anômalo” de *Freaks* não podia fazer as refeições com o restante do elenco e dos técnicos, pois estes sentiam repulsa em tê-los no mesmo lugar, ainda que o filme tematizasse o preconceito que eles viviam. É esse tipo de atitude que não queremos ver mais em nossa sociedade.

2.3 Pós-Leitura

Ao fim de *Inclassificáveis*, temos a certeza de que a arte circense pode ser vista como *constructo* que causa mistério, ilusão e perplexidade através dos seus artistas, mas também que pode mudar vidas e a percepção das pessoas sobre o mundo. No circo tudo também muda durante o passar dos séculos e o corpo começa a ser valorizado no espetáculo pela sua força, movimentos, plasticidade, não deixando, no entanto, de romper limites.

O nosso foco, nessa pós-leitura, é tentar observar como o corpo do artista de circo agora não é mais ridicularizado, nem tratado de forma violenta por suas diferenças, mas valorizado pela beleza que pode produzir. No entanto, acreditamos que os alunos possam enxergar beleza em todas as artes e todos os seres humanos, por isso, o passo seguinte será fazê-los reconhecer a si e a sua comunidade nesses artistas.

Nesse sentido, sugerimos que você fale dos circos atuais, partindo de uma apresentação do *Cirque du Soleil*. O grupo canadense, mas que tem artistas de todo o mundo, possui um site (<https://www.cirquedusoleil.com/CIRQUECONNECT>, disponível em 16-01-2021), no qual disponibilizam seus treinamentos, confecção de roupas, realização de maquiagens, além de algumas apresentações completas, com a função de interagir com seu público, mas também possibilitando que enxerguemos o trabalho e a arte por trás de todas as suas apresentações.

Assim, para mostrar esse grupo e o funcionamento do circo atual, além do site, sugiro que mostre o vídeo da apresentação *Kurios* (2020), que, através do estilo *steampunk*, adentra o escritório de um inventor e seu mundo mágico e misterioso (<https://www.youtube.com/watch?v=nQ5eUJNXrMw>, disponível em 16-01-2020).

Depois de assistir ao vídeo, pergunte a impressão dos alunos sobre o show. Utilize questões que invoquem a força, a perfeição dos movimentos, a plasticidade dos corpos dos artistas do *Cirque du Soleil*. Se necessário, peça para que eles retomem cenas que tenham gostado, nas quais os artistas utilizam seu corpo como forma de fazer música, como produtor de imagens, etc. Por fim, discuta com os alunos a influência dos aspectos cênicos, musicais e visuais que valorizam o corpo dos artistas/atletas, mas também promovem a aura de espetáculo, mistério e fantasia.

Na sequência, com a ideia de mostrar que a arte é acessível a todos, pergunte se eles acham que são capazes de fazer algo parecido com aquilo ou conhecem alguém que consiga. Provavelmente, eles digam que não, mas o nosso trabalho é ajudá-los a se valorizar como pessoa e comunidade. Dessa forma, indague a eles sobre esportes que praticam, danças que sabem, sobre aquele amigo que canta, ou aquele outro que joga capoeira. Mostre que existem expressões artísticas e físicas dentro da escola, do bairro e da comunidade que são praticadas por todos e que podem ser vistas como valorização do corpo e como forma de arte, assim como no *Cirque du Soleil*.

Para finalizar a atividade, sugerimos que vocês peguem a ideia da expressão do corpo de forma artística ou física dentro da escola e da comunidade escolar e façam uma exposição

fotográfica. Os alunos, individualmente ou divididos em grupos, tirarão fotos de pessoas ou grupos realizando atividades artísticas, físicas, educativas ou não. Elas poderão estar cantando, dançando, fazendo malabarismos, jogando basquete, correndo, etc. Os alunos também podem aparecer nas fotos expressando algumas de suas habilidades com o corpo.

Peça também que eles façam uma entrevista com a pessoa fotografada perguntando: o que essa atividade mudou na minha vida? Então, vocês poderão editar o texto ou colocá-lo por completo como legenda da foto exposta. Podem fazer a exposição para a sala de aula ou ainda realizá-la para toda a escola. O importante é perceber o seu corpo como eficiente, único e diferente, enxergando a si e aos outros como merecedores de respeito e dignidade.

3.1 Narrativa fantástica

O livro *Inclassificáveis*, pela aura de insólito que se instala desde o começo, bem como do clima de estranhamento que alguns personagens e situações causam, se aproxima da perspectiva do fantástico. A narrativa tenta fisgar o leitor através de uma tensão entre o que é real e o que é misterioso, entre o empírico e o extraordinário, entre o racional e o irracional, assemelhando-se não só aos mais clássicos textos do repertório fantástico, mas também à literatura popular, que tem sua expressão mais genuína no Brasil através dos contos de cordel.

Nesse sentido, para entendermos melhor o livro de Eduardo Mahon, que tem suas narrativas inseridas no escopo do realismo mágico pelo blog “Como eu escrevo” (<https://comoeuescrevo.com/eduardo-mahon/#:~:text=Eduardo%20Mahon%20%C3%A9%20poeta%2C%20romancista%20e%20contista>). (2019), disponível em 19-01-2021), seria interessante compreendermos como funciona o fantástico dentro da literatura, bem como as suas subdivisões, pelo menos as mais comuns aqui na América Latina, o realismo mágico e o realismo maravilhoso.

O fantástico se dá na literatura através do efeito de ações sobrenaturais, insólitas, em situações cotidianas, estabelecendo uma tensão sobre o narrador, muitas vezes em primeira pessoa, mas também sobre aquele que lê. Nesse tipo de narrativa, como no livro estudado, se estabelece um conflito entre dados do empírico, do real, daquilo que é possível comprovar e daquilo que é metaempírico, daquilo que não é passível de se comprovar sensorialmente em nossa experiência cotidiana:

O conflito processa-se a partir de uma representação realista e verosímil do universo, cujos contornos são subvertidos pela radical incompatibilidade de dualidades que são justapostas. Acontecimentos inadmissíveis ou seres inexplicáveis, na sua aparência, irrompem num determinado contexto, conotado com um cotidiano até então supostamente normal. (PETROV, 2016, p. 96).

Assim como podemos verificar no livro estudado, algo fora do normal perturba a realidade circundante, construída e reforçada pelo racionalismo burguês, através de seu caráter

estranho, diferente daquilo a que estamos acostumados, daquilo que nos é familiar.

O fantástico, através do insólito, de uma pretensa anormalidade, provoca uma inquietação, mas também uma reação de medo e repulsa, que podem causar uma fascinação no leitor que fica num limite entre aquilo que o afasta e o atrai, num jogo entre curiosidade e prazer, e que são muito bem demonstrados nos moradores da cidade de Cartesinos, mas também em nós. A literatura fantástica brinca com esse sentimento dúbio que faz com que queiramos nos afastar, mas também ler mais.

Resumindo, o fantástico fere as leis da natureza, as leis científicas e as leis sociais, nos fazendo perder a noção de referencialidade, duvidando daquilo que é real, utilizando-se da ilusão de nossos sentidos, como acontece com os seres míticos de Cartesinos ou aproveitando-se de acontecimentos de fora do mundo. Nas palavras de Todorov (*apud* PETROV, 2016, p. 98):

Num mundo que é bem o nosso, aquele que conhecemos (...), dá-se um acontecimento que não se pode explicar segundo as leis desse mesmo mundo familiar. Aquele que se apercebe do acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão de sentidos, dum produto da imaginação e as leis do mundo continuam o que são; ou o acontecimento se produziu de facto, é parte integrante da realidade, mas essa realidade é regida por leis de nós desconhecidas.

Elementos do fantástico na literatura existiram desde tempos imemoriais, no entanto, o fantástico como gênero literário se institui como gênero entre os séculos XVIII e XIX (MARÇAL, 2009, p. 6), fortalecendo-se dentro da narrativa gótica e do Romantismo, como reação ao racionalismo burguês e sua visão pragmática de mundo. Um dos grandes representantes desse gênero é o norte-americano Edgar Allan Poe, que focalizando as suas narrativas no suspense, no estranho, no horror e nas entranhas da alma humana, traz uma nova perspectiva sobre aquilo que é real e o que é sobrenatural.

Um dos seus contos mais famosos, que inclusive já foi alvo de paródia no desenho animado *Os Simpsons*, “Coração delator” (POE, 2008), é um ótimo exemplo de um texto de literatura fantástica. Apesar de ter elementos bem realistas, como partir da narrativa de um assassinato, a estratégia do narrador em primeira pessoa expressa através de um jogo de tensões entre ele e a vítima, entre o momento de espera e o assassinato, entre os elementos visuais e auditivos, uma espécie de suspense no leitor que fica esperando que algo de extraordinário aconteça. O sinistro se impõe de antemão pelo questionamento do narrador sobre sua própria loucura, pela ambientação tenebrosa e pela insistência do narrador ao referir-se aos olhos de abutre da vítima.

No clímax do conto, ou seja, na hora do assassinato, a capacidade do narrador em ouvir os sons do coração de sua vítima provoca uma quebra no paradigma real e impõe outro sobrenatural, visto que não é dado a nenhum ser humano ouvir os sons do coração de outro ser humano, senão muito próximo ou com um estetoscópio. O clima de insólito se impõe e faz

tanto o narrador, quanto o leitor, duvidar ao fim do conto se ele está escutando o som forte vindo do coração do senhor morto. Fica a pergunta: se aquele coração está mesmo sendo ouvido ou é símbolo da culpa do narrador.

O gênero fantástico tem várias expressões literárias, como o conto infantil, o romance gótico, o terror, entre outros. No entanto, aqui iremos nos deter apenas no realismo mágico e no realismo maravilhoso, porque alguns dos elementos que os constituem aparecem no livro que estamos estudando. Como vertentes do fantástico, ambos incorporam ao empírico, à vida cotidiana, aquilo que é extraordinário e ele não é visto de maneira negativa, nem mesmo provoca medo no leitor, justamente pela forma naturalizada com que é tratado. Apesar disso, age sobre as expectativas do leitor através da sensação de estranhamento.

Vindo das artes plásticas e instalado na literatura latino-americana a partir da década de 60, o realismo mágico ou fantástico está muito mais ligado à sensação de sobrenatural em um contexto de realidade (PETROV, 2016, p. 98). Segundo Petrov (2016, p. 99–100), o realismo mágico é um gênero que se caracteriza pela presença do real e do sobrenatural, uma contradição de princípio entre eles e uma reticência do narrador em explicar o extraordinário. Esse conflito entre o que é real e imaginário e o fato de o narrador não o explicar seria produtor de uma quebra de referencialidade, produzindo ambiguidade e tensão no leitor.

Para entender melhor o realismo mágico, convém exemplificar através da literatura como esses mecanismos funcionam e como o diferenciam do fantástico, puro e simples, e do realismo maravilhoso. Para isso, vamos fazer uma breve leitura do conto “Trama celeste” (2011), do escritor argentino Adolfo Bioy Casares. A trama nos é dada pelo médico Carlos Alberto Servian, que relata a investigação militar na qual o capitão Irineo Morris teria atravessado para uma dimensão paralela onde os galeses e Cartago não teriam existido.

No conto, essa modificação da história e a transposição de espaço/tempo pelo capitão Irineo não são tratadas com naturalidade logo de cara, mas percebe-se que não existe hierarquia entre a realidade da Argentina da década de 40 e o outro mundo a que Irineo tem acesso. Além disso, o médico duvida da sanidade do capitão, bem como vai se colocando reticente às pistas sobre as modificações de espaço e tempo que aparecem conforme o conto avança.

O clima de fantástico toma conta ao fim do conto, quando Carlos Alberto Servian já não contesta mais se as histórias de Irineo Morris podem ser verdadeiras e adere a uma tentativa de viagem pelo tempo/espaço, a fim de se evadir de problemas pessoais. Ao leitor, fica a sensação ambígua de que essas viagens podem ser verdadeiras, mas também não passam de delírios da cabeça das personagens. O conto termina com a viagem e não sabemos o que acontece depois, portanto, o narrador é reticente com o que acontece, aumentando a sensação de ambiguidade.

Como se verifica, a crescente mistura de elementos que remetem à história da Argentina da década de 40, provocando um efeito de real, somados a elementos insólitos, como o desa-

parecimento de um povo, modificações irreais na planta de uma cidade, viagens impossíveis no tempo/espço, são características do realismo fantástico e ajudam a entender melhor o gênero.

Já o realismo maravilhoso, ainda que seja menos comum, se encontra muito presente na cultura latino-americana, através da literatura erudita, mas também da literatura popular, através do cordel, dos repentes, dos desafios, das músicas, dos filmes, e da narrativa televisiva, como na famosa novela *Saramandaia* (1976). Como gênero literário, ele se caracteriza também pela presença do real e do sobrenatural ao mesmo tempo, porém não existe uma dicotomia entre eles. É como se aquilo que é extraordinário fizesse parte daquilo que é natural, sem questionamentos, sem parecer irreal ou absurdo para quem lê:

Para a crítica, o discurso narrativo do Maravilhoso não problematiza a dicotomia entre o real e o imaginário, posto que a verossimilhança não está no centro das preocupações deste discurso. O conto maravilhoso relata acontecimentos impossíveis de se realizar dentro de uma perspectiva empírica da realidade, sem aos menos referir-se ao absurdo que todo este relato possa parecer ao leitor. (MARÇAL, 2009, p. 2).

O realismo maravilhoso, por naturalizar aquilo que é estranho, extraordinário ou irreal, assemelha-se aos contos infantis, e prima pela impossibilidade de as coisas, que ali acontecem, se repetirem na vida real. Neste tipo de realismo verificamos uma voz autoral que não é reticente sobre o que acontece e tem um certo lirismo em sua concepção, pois aceita os elementos não naturais como reais.

Para exemplificar rapidamente essas características do realismo maravilhoso, selecionamos o belíssimo conto do escritor goiano José J. Veiga (2017), “Os cavalinhos do Platiplanto”. Começando de forma bastante realista, mas lembrando a inocência infantil de um garoto, o conto narra a história de um menino que espera o cavalo que o avô lhe havia prometido em momento de mimo. No entanto, o avô adoece e morre, e o menino, além da tristeza, fica sem o cavalinho com arreio mexicano.

De repente, o menino entra num mundo maravilhoso - a fazenda do major -, onde faz coisas além da força de um menino, encontra um outro menino que tinha medo de tocar bandolim, e vê um espetáculo de cavalinhos coloridos que tocam bandolim. Os cavalinhos, todos seus, deixados pelo avô, segundo o major, se portam com garbo, relincham, correm tão rápido que suas cores se misturam e eles somem, tomam banho de piscina e nadam como se fossem gente.

O conto assume uma aura maravilhosa, na qual o onírico prevalece e amortece a dor pela morte do avô e pela falta do cavalinho prometido. Ao fim do conto, resta ao leitor a inquietação de que aquilo seja tudo verdade, pertencente a um mundo imaginário que se tornou real, principalmente quando o major afirma que os cavalinhos não podem sair do Platiplanto e quando o menino acorda em sua casa na outra manhã.

Como podemos observar, não existe tensão entre o real e o sobrenatural, entre o cotidiano e o extraordinário. Para o menino e para o leitor é como se suas aventuras e os cavalinhos coloridos fossem compatíveis com a vida cotidiana e construíssem um mundo mágico que é só extensão do mundo natural.

No conto *Inclassificáveis*, o insólito também predomina e desde o início assume um clima de estranhamento imposto pela dúvida que chega à cidade de Cartesinos, aparentemente tranquila até aquele momento. Narrada por elementos visuais, que remetem ao olhar de uma câmera, ao leitor resta a imagem estranha de “uma serpente de andrajos” (MAHON, 2021, p. 11) que chega, acompanhada de carroças e animais, bem como a representação da cidade em suspensão, curiosa em saber quem estava chegando:

O povo pasmou. A expectativa para saber quem era e o que queriam os forasteiros foi maior do que o rogo pela chuva. Como resultado, a novena na igreja de adobe sofreu suspensão, o bar da praça fechou as portas de par em par e até mesmo a janela da viúva Leocádia ficou vazia. No ar, o mau agouro do vento morno informava a todos que a chuva não vinha e que as lavouras iriam ficar mais um dia em jejum. Ainda assim, um mudo alvoroço de formigas apalermadas tomou conta de Cartesinos, esparramando medo e alegria, júbilo e horror. (MAHON, 2021, p. 11).

Como se pode constatar, o povo fica estupefato pela chegada das pessoas que o narrador nomeia como forasteiros, ou seja, daquele que é estranho ao lugar e paralisa tudo na cidade. O movimento é cortado pela sensação de que algo de ruim vai acontecer. Isso é passado aos leitores por palavras que pertencem ao campo semântico do sinistro e do medo, como mau agouro e horror, por exemplo, ao mesmo tempo que se contrapõe a palavras do campo semântico da esperança, como alegria e júbilo. Essa dubiedade no começo do texto nos remete aos elementos ambíguos do fantástico e do realismo fantástico.

O conto segue em clima de mistério que se constitui através de uma atmosfera de medo e negação por parte da população de Cartesinos e a atitude positiva de curiosidade do menino Beto Prajá, personagem afeito a novidades. Essa aura se reforça ainda mais quando o menino vai até o circo para verificar o que era e dá de cara com um ser estranho, que depois sabemos ser a mulher-gato:

Antes que pudesse espionar melhor o acampamento que formava um círculo em volta da fogueira, uma mulher com cara de gato pespegou um cascudo seco e rugiu: o que você faz aqui, moleque? Beto Prajá segurou a bexiga com força para evitar que se mijasse de medo. Não conseguia parar nem de tremer nem de encarar a face felina de olho de âmbar, grossos e dentes pontiagudos. (MAHON, 2021, p. 11–12).

A mulher-gato se imiscui na trama como elemento do antinatural e do mítico que ins-

taura o insólito mediante o real representado pela cidade de Cartesinos e que será a antítese a ser desconstruída durante todo o livro.

Ao fim do primeiro capítulo, o mistério de quem eram aquelas pessoas acaba, pois descobrem que era o circo, mas isso não significa o fim do insólito, porque as pessoas da cidade, muito acostumadas à racionalidade, à praticidade da vida cotidiana, não conseguem dirimir as dúvidas surgidas com a chegada dos artistas:

Temerosa com as anomalias que o garoto garganteava e como aglomerado que zumbia em volta, a gestante limitou-se a reforçar os calos nos cotovelos, arrimando o peso extra na janela de madeira. E o que mais viu?, o prefeito arrochava Prajá com sanha inquisidora, Tem bicho a dar com pau, Animal?, É um misto, De gente? Meu Deus! (MAHON, 2021, p. 14).

De imediato o narrador chama as pessoas do circo de “anomalias”, evocando aquilo que não é natural, ao mesmo tempo que, utilizando as vozes das personagens, demonstrando seus preconceitos, reforça os caracteres ambíguos dos circenses, que ficam entre homens e animais. A conversa segue no intuito de nomeá-los, normalmente com palavras no campo do fantástico ou amedrontador, até atingir o nome que Beto Prajá dá àquelas pessoas e que dá título ao livro: inclassificáveis.

Apesar da incredulidade da cidade, as pessoas e coisas estranhas são expostas a eles, primeiramente na demonstração oral de André Pinot do espetáculo extraordinário que veriam no circo e por seu ovo de dragão, que contrasta com o espaço tão prosaico e cotidiano do bar, depois pela própria apresentação circense que exhibe situações, animais e pessoas fantásticos à cidade.

Entretanto, um dado que devemos considerar do livro de Eduardo Mahon é que, apesar de se valer de elementos do fantástico para construção da narrativa, sua obra é focada no real, com a aparente intenção de mostrar que o mágico vem da construção artística que responderiam à necessidade humana de ficção e evasão do real. Nesse sentido, o livro, ao invés de investir num viés fantástico, o desconstrói, mostrando que ele é suas articulações, o modo como é feito.

O processo começa já na página 23, quando o narrador afirma que “o circo vendia o que as pessoas desejavam ser verdade” (MAHON, 2021), e segue com o desfile de animais e pessoas estranhas que, ao mesmo tempo que se mostra maravilhoso, se mostra construído. Como exemplo disso, temos os elefantes pigmeus, que parecem porcos que sofreram adaptações para fazerem parte do espetáculo, ou ainda, a mulher-gato e as gêmeas xipófagas, cuja descrição demonstra trabalho nos corpos e mascaramento com a finalidade de construir anomalias. Como podemos ver abaixo, os dentes da mulher foram limados para parecerem os de gato, e as roupas largas das gêmeas podem esconder, na verdade, que elas não dividem partes do corpo:

A mulher gato com seus dentes limados causou espanto ao contorcer o corpo a ponto de unir o queixo ao cotovelo esquerdo, joelho direito ao sovaco esquerdo para caber inteira numa caixa equilibrada pelo parrudo crioulo cujos braços pareciam manoplas de guaiá-mum. As gêmeas de três pernas manquitolaram diante de um público perplexo, vestidas por um folgado soirée de seda. (MAHON, 2021, p. 29).

No entanto, a ilusão de fantástico é suplantada pelo efeito de real quando, após a decisão de André Pinot de ficar em Cartesinos, as pessoas do circo vão se adaptando à cidade, vivendo uma nova vida, demonstrando suas crenças, aceitando novos empregos, se enamorando e aprendendo novas coisas. Ainda que as personagens guardem algumas características do emprego na trupe circense e suas habilidades ainda maravilhem os habitantes, como o homem-preguiça, que deixa a cidade mais colorida, ou o adivinho Tirésias, que continua a “ler” as fezes, para agradar ao prefeito, tudo mostra que o espetáculo do circo era construção, assim como o fantástico na narrativa também é.

O ritmo do texto ao fim do livro assume a voz do locutor do circo, o menino Beto Prajá, reintroduzindo uma aura de fantástico, que agora transforma os moradores da cidade em artistas do circo. No entanto, fica bem claro ao leitor que essa transformação se dá através da construção e não de um dado do irreal.

Como podemos verificar, ao retomar os elementos do fantástico e desconstruí-los, colocando-os como construção artística passível de transformar uma visão prosaica de mundo, o livro mostra que as diferenças também são construções sociais e são passíveis de transformação. Assim, ao fim da narrativa, a perspectiva mágica retoma o proscênio, e as pessoas realistas e comuns da cidade se tornam personagens do circo, demonstrando que, ao entender e aceitar as diferenças, é possível enxergar além e transformar ao mundo e a si mesmo.

3.2 Um olhar sobre as personagens de *Inclassificáveis*

As personagens de *Inclassificáveis*, apesar de sua aparente falta de complexidade inicial, nos surpreendem pelas mudanças que passam durante o seu percurso na narrativa. Para entendê-las melhor, é necessário analisarmos a teoria que se apresenta sobre a personagem da narrativa, seja ela um romance, um conto, ou uma novela.

Essa tarefa é bastante complicada visto que existem diversas correntes que tentam estudar esse elemento, como as de viés psicológico, estruturalista, conteudista, etc. Com base em Reis (2018, p. 388), podemos dizer que, no geral, a personagem da ficção pode ser descrita como uma figura humana ou humanizada, que vive uma história ou contribui para ela (personagens secundárias) e ela é um dos elementos centrais da narrativa, ou seja, a trama e outras personagens giram em volta dela. Dessa maneira, ela é o eixo central em torno de quem uma ficção é construída.

Para localizar uma personagem no romance, é necessário verificar algumas características, como seu nome, sua caracterização física ou psicológica, seu discurso, bem como o léxico da personagem, seja o seu modo de falar ou aquele que o narrador usa para se referir a ela. Podemos exemplificar esse processo de identificação, analisando um pequeno trecho da descrição de André Pinot:

No cartão distribuído pelo serelepe pigmeu, lia-se o nome de André Pinot. Mais abaixo estava gravado em letras miúdas o cargo que ocupava à frente da bizarra trupe: Diretor Geral do Fantástico Circo do Doutor Jean Pinot, Chefe de Picadeiro, Domador de Dragões, Embaixador Plenipotenciário de Atlântida e Homem-Bala. (MAHON, 2021, p. 18).

Como se pode perceber nesse trecho, a apresentação da personagem, neste caso, depende de seu nome, André Pinot, de suas características físicas e atitudinais, ou seja, o fato de ser pequeno e ser muito ágil, e pelas palavras ligadas a sua profissão. Conforme o livro segue, outras características virão se juntar a estas, como o seu nascimento e a formação do circo, seu modo extravagante de se vestir, seu poder de decisão, entre outras. Todas elas juntas ajudam a identificar quem é André Pinot no romance. Conhecer os elementos que constituem uma personagem é importante para entender melhor a narrativa.

Seguindo com nossas observações sobre a personagem de ficção, podemos afirmar que, dependendo da teoria a ser seguida, a classificação da personagem pode variar. Entretanto, no geral, elas seguem as de E. M. Forster e dividem as personagens em dois grupos: as personagens planas e as esféricas. Seguindo as explicações dadas por Reis (2018) e Candido (2007), falaremos rapidamente sobre elas.

As personagens planas (tipos, íntegras ou de costumes) são ligadas a tipos sociais e sua caracterização é constituída apenas através de uma ideia, reincidindo muitas vezes no mesmo tipo de descrição, de comportamento, de atitudes e de léxico. Como se pode ver, são facilmente delimitadas e suas características podem ser vistas por sua exterioridade, ou seja, dificilmente veremos seus pensamentos, sentimentos, decisões, etc. A título de exemplo, utilizaremos a primeira descrição dos moradores da cidade, que não irá mudar muito até o fim do conto:

Os irmãos Barroso, gêmeos que combinavam vestirem-se igual, a viúva Leocádia, mãe de quatro filhos que emigraram vestirem-se igual, a viúva Leocádia, mãe de quatro filhos que emigraram de Cartesinos à procura de vida melhor, o pároco labrego que cuspiam sem cessar, o prefeito e a mulher dele, uma senhora redonda que notoriamente pecava com Nico Boa Sete, o mais habilidoso esportista de sinuca. Vieram Mané Torto, dono do botequim coloca em recesso por força maior; Taumaturgo Botelho, o bêbado-filósofo que trocava duas frases de Sartre por uma dose de pinga; Ofélia Rego Alto, a quituteira de mão cheira com especialização em empadinhas de galinha caipira; e a molecada do Centro Educacional Vigário Seixas ainda de uniforme suado. (MAHON, 2021, p. 13).

Como podemos verificar no trecho, as personagens que representam os moradores da cidade de Cartesinos são vistas por suas características gerais, como sua caracterização, sua profissão, algum defeito, alguma habilidade e atitude. Seja pelo fato de o livro ter características de conto ou pelo narrador querer colocar essas personagens como tipos sociais, todas elas não são aprofundadas e não podemos conhecer melhor sua vida interior, sua vida íntima.

Já as personagens esféricas (redonda, complicadas, de natureza) apresentam maior complexidade, pois suas descrições são mais detalhadas, suas atitudes são seguidas mais de perto pelo narrador e temos mais acesso a sua vida íntima. Como diz Antonio Candido (2007, p. 63), elas são personagens em três dimensões, suas realizações são mais altas e suas atitudes nos surpreendem. Suas caracterizações e ações vão além dos traços superficiais e o leitor tem acesso a sua interioridade, como seus pensamentos, seus temores, seus sentimentos íntimos, suas mudanças de posição, etc.

Como exemplo desse tipo de personagem, temos o menino Beto Prajá. Desde o começo do conto, sabemos que ele é “filho de ninguém e empregado de todo mundo” (MAHON, 2021, p. 12), ou seja, que não tem pai nem mãe e que serve a todo mundo em Cartesinos para manter a subsistência, que tem medo e curiosidade pelos moradores da trupe, mantém uma atitude cética, porém aberta a novas pessoas e experiências, tornando-se amigo de André Pinot, chegando, por auxílio deste, a modificar suas atitudes e sua vida, tornando-se ele próprio chefe de um circo, isto é, tem a principal característica da personagem esférica, que é nos surpreender.

Como refere o narrador ao fim do livro, mostrando a finalização dessa modificação do menino, que já se tornara Roberto Barroso, e que muda não só sua vida, mas de toda a cidade: “Ao amanhecer, estava criado o Fantástico Circo do Doutor Prajá, sob a direção do sonhador garoto que havia convencido os cartesianos renitentes a embarcaram no mundo da arte” (MAHON, 2021, p. 67).

De posse dessas informações, façamos algumas considerações sobre as personagens do livro *Os inclassificáveis*.

Como já destacamos, em princípio, a maioria das personagens do livro são planas, pois as vemos a partir de suas características exteriores, como as físicas, as relacionadas às suas profissões, os seus defeitos, as suas atitudes, e pouco isso vai mudar até o fim do livro, com exceção de Beto Prajá, André Pinot, e talvez, de um modo bem específico, do filósofo-bêbado Taumaturgo, que também passa de um ser completamente cético para um sonhador.

Não iremos detalhar aqui, mas com suas atitudes diferentes das demais personagens, André Pinot e Beto Prajá, além de serem as personagens principais da história e as mais detalhadas, pois temos mais acesso a suas personalidades e uma caracterização mais detalhada de suas pessoas, de seus sentimentos e principalmente de suas atitudes, são agentes da ação da narrativa, já que ambos modificam a vida dos moradores do circo e dos moradores de Cartesinos.

Entretanto, o fato de as outras personagens serem descritas de forma mais superficial, isto é, serem planas, não é completamente gratuito. Além, é claro, de responder à necessidade de concentração, que é uma das características do conto, as personagens do livro, inicialmente, são colocadas como grupos sociais, como representação de ideias opostas. Elas se dividiriam entre o grupo dos cartesianos X holísticos, da realidade X idealismo, do prosaico X artístico, dando uma ideia de eles contra nós, reforçando o medo e a curiosidade sobre aquilo que é desconhecido.

Dessa maneira, o autor recorre a uma série de estereótipos literários e das narrativas televisivas, com a finalidade de formar um grupo social para a cidade de Cartesinos reconhecido pelo público brasileiro. Representado pelo padre caturra, pelo prefeito politiqueiro e corrupto, a primeira-dama adúltera, o filósofo bêbado, a mulher grávida abandonada, o dono do boteco conciliador, a solteirona estranha, os irmãos misantropos e inseparáveis, que formam uma coletividade incapaz de ver além das coisas práticas do cotidiano, o que gera curiosidade, mas também preconceito e medo.

A vida agreste de Cartesinos, cidade marcada pelo solo pedregoso, pelo calor, pela falta de chuva, pela escassez de trabalho e a pobreza, coloca essas personagens em seus devidos lugares de tipos, pois os torna duros e práticos, não permitindo que concebam o novo como positivo, a diferença como transformadora e a arte como construção que possibilita uma modificação do outro e de si mesmo. Com a ação de André Pinot e Beto Prajá isso irá mudar.

Já o grupo da trupe circense inicialmente não tem nomes (apenas André Pinot e Tirésias), pois são apresentados por suas características estranhas ou mesmo mitológicas. Assim temos o anão André Pinot, o vidente Tirésias, a mulher gato, as gêmeas xifópagas, os ciclopes, o homem-preguiça e a cabeça barbada, que despertaram o mais puro horror nos moradores de Cartesinos. Essas personagens nos lembram os circos de aberrações ou *freak shows* e são, ao mesmo tempo, alvo de medo, admiração e ansiedade por parte dos moradores da cidade, constituindo então o grupo dos “outros”, daqueles que são diferentes e que eles não conseguem entender.

É interessante observar que o caráter superficial e fragmentário que envolve tanto as personagens do circo quanto as de Cartesinos diz respeito a nossa própria incapacidade de enxergar o outro. Segundo Antonio Candido (2007, p. 58), a fragmentariedade de uma personagem reflete a nossa percepção do outro. Portanto, é como se o autor dissesse, por meio da construção de sua personagem: “você também não é capaz de ver tudo”. Por isso, a própria precariedade inicial das personagens reflete não só a incapacidade de ver além do prosaico dos habitantes da cidade, mas também da incapacidade do leitor.

Assim, o quadro sinóptico, que propusemos na Atividade I, serve para que o aluno compreenda as modificações das personagens da trupe de circo e os moradores da cidade de Cartesinos. Para que se tenha uma ideia do quadro quando pronto, vamos montá-lo e dar um exemplo de como dois personagens de cada grupo aparecem no conto. Os exemplos aqui

não pretendem ser exaustivos, porque o intuito é que você e seus alunos explorem o livro da melhor forma possível.

Quadro demonstrativo dos personagens de *Inclassificáveis*

Personagens de Cartesinos			Personagens da trupe circense		
Nomes das personagens	Personagens no início do conto	Personagens no fim do conto	Nomes das personagens	Personagens no início do conto	Personagens no fim do conto
Beto Prajá	Um menino órfão que mora nas ruas de Cartesinos. Um pouquinho medroso, mas curioso, é o primeiro a ir verificar o que acontece no circo. Abandonado pelos pais, ele precisa viver nas ruas e prover sua própria subsistência, por isso faz coisas desde colar cartazes até limpar as latrinas da cidade. No início, é um pouco cético e, assim como o resto da cidade, tem dificuldade em aceitar o diferente e enxergar além das aparências. Com a amizade com André Pinot, tudo isso vai mudar.	Fica cada vez mais sonhador, com a intervenção de André Pinot, é reconhecido como filho pelos irmãos Barroso, sendo adotado como Roberto Barroso, ganhando assim casa e família. Ao fim do conto, torna-se dono do Fantástico Circo do Doutor Prajá e é responsável por fazer os habitantes de Cartesinos acreditarem no poder da arte.	André Pinot	Anão, ou quase anão, como diz o narrador, ele próprio se define em um cartão como “Diretor Geral do Fantástico Circo do Doutor Jean Pinot, Chefe de Picadeiro, Domador de Dragões, Embaixador Plenipotenciário de Atlântida e Homem-Bala”. No entanto, essa descrição muda. Filho de uma anã malabarista, herdou o circo do pai. Veste-se e tem atitudes extravagantes. Como chefe e locutor do circo fala com frequência sobre as coisas extraordinárias que ali acontecem. Com o circo em decadência, decide ficar em Cartesinos, mudando a vida de todos.	Fica em Cartesinos, se desfaz do circo e torna-se mestre de cerimônias dos eventos da prefeitura e da Câmara de Vereadores. Passa a se vestir de forma mais simples, mas nem por isso deixa de ser ativo. Torna-se amigo de Beto Prajá e, demonstrando grande força de ação, transforma a vida do garoto e dos habitantes da cidade.
Padre	O pároco é ranzinza, mas protege toda a cidade. Tem o hábito de cuspir. Preconceituoso, fala contra os habitantes do circo, mas fica curioso com o que acontece lá.	Torna-se o cobrador simpático e distribuidor de conselhos gratuitos na porta do circo.	Mulher-gato	Mulher com face felina, olhos âmbar e dentes pontiagudos, que são limados para parecerem com os de um gato. Na apresentação, consegue se dobrar toda e enfiar-se em uma caixa. Como se vê, é uma contorcionista.	A mulher-gato na verdade se chama Regina Maria Cavalcante e é ela quem inicia a adaptação dos participantes da trupe circense à cidade de Cartesinos, quando começa a frequentar a igreja, mostrando-se muito religiosa. Desconstrói a imagem que tinha no circo, mostrando que os olhos âmbar eram lentes de contato, os bigodes eram piaçava e seus cabelos eram modificados com descolorantes. Torna-se “quase irmã” de Nice, uma das mais fervorosas beatas de Cartesinos.

Aqui, apresentamos apenas alguns exemplos de como as personagens podem ser descritas, bem como seu percurso na narrativa. Estimule seus alunos a descreverem-nas com suas próprias palavras, buscando verificar se eles entenderam suas funções no livro. Como se pode constatar nos exemplos acima, as personagens parecem bem simples no começo do livro, podemos dizer que são até mesmo superficiais. No entanto, a modificação que sofrem mostra que nada deve ser julgado à primeira vista, que o diferente é uma construção social e que entendê-

-lo pode ajudar o indivíduo a transformar sua mentalidade e realidade. Além disso, demonstra que a arte é um novo modo de sonhar e que, por ser construção, pode fazer parte da vida de todos nós. Assim, aquilo que é plano e sem vida pode ganhar uma nova dimensão.

3.3 Elementos do conto

Sugerimos em uma das atividades que seus alunos escrevam um conto e depois façam um *podcast* com ele. Além disso, apesar de o livro de Eduardo Mahon não se prender a todas as estruturas do conto, pois, além de ter muitas personagens e muitas unidades narrativas, o que caracterizaria uma novela, no geral, apresenta características de conto, como a brevidade, a defesa de apenas uma ideia, as personagens também estão ligadas a ela, apresenta unidade de tempo e de espaço, possui apenas um tom, um tipo de léxico, muitos diálogos, toda a matéria narrativa é canalizada para um clímax e um desfecho, entre outras.

Dessa maneira, tanto para realizar a atividade com seus alunos, quanto para entender melhor o livro, é importante observar as características do conto. Para tanto, nos utilizaremos das informações presentes nos trabalhos de Nádia Battella Gotlib (2006) e de Massaud Moisés (2006) sobre o conto, sua teoria e características.

O conto vem desde a mais longínqua Antiguidade, aparecendo entre as narrativas egípcias, nas da Bíblia, passando pelas greco-romanas, continuando por toda a história humana, até chegar ao formato atual. Como pontua Gotlib (2006, p. 12), a palavra conto vem de contar, relatar algo acontecido a alguém ou de que se é testemunho. Apesar do caráter aparentemente aliado à realidade dos fatos que o conto aparenta ter, não existe obrigatoriedade de se ater a eles, portanto, o conto é ficção.

Agora vamos elencar e explicar as principais características do conto para facilitar o seu trabalho com os alunos. São elas:

- **Brevidade** – primeira e principal característica deve ser a brevidade, pois um conto curto pode produzir o maior efeito com a menor quantidade de recursos narrativos (GOTLIB, 2006, p. 35). Como tal o conto deve ter unidade de ação, de espaço e de tempo. Ainda respondendo a essa característica, o conto deve ser objetivo, não tratar de muitas ideias, nem ter muitas personagens. Como podemos ver, mantendo um maior nível de concentração do conteúdo, o escritor consegue manter a tensão e, assim, fisgar mais facilmente o seu leitor. Essa característica torna o conto um gênero perfeito para o *podcast*.
- **Unidade de ação** – para muitos teóricos o conto deve necessariamente ter uma ação, algo deve acontecer com as personagens, diferentemente da novela, que pode ter muitas ações encadeadas, ou o romance, em que nenhuma ação pode acontecer. No entanto, o conto deve ter unidade de ação, isto é, poucas coisas devem acontecer. De acordo com Moisés (2006, p. 39):

O conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma unidade dramática, uma célula dramática, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação. Caracteriza-se, assim, por conter unidade de ação, tomada esta como a sequência de atos praticados pelos protagonistas, ou de acontecimentos de que participam. A ação pode ser externa, quando as personagens se deslocam no espaço e no tempo, e interna, quando o conflito se localiza em sua mente.

Nesse sentido, no livro pesquisado, o autor aparentemente não segue a unidade de ação, visto que muitas coisas acontecem, como a chegada do circo, o próprio espetáculo circense, o estabelecimento do circo e dos artistas na cidade, o planejamento de um novo circo e a transformação dos moradores da cidade em artistas. Nesse sentido, a narrativa se aproximaria mais da novela, que possui ações encadeadas, do que do conto propriamente. No entanto, essa característica do livro, além de questionar as próprias convenções do gênero, permite que o leitor assista à transformação das personagens conforme se passa de uma ação para outra, deixando entrever uma ideia principal: a arte como agente de transformação.

- **Unidade de tempo** – o conto caracteriza-se por sua momentaneidade, pela representação de um momento único na vida das personagens. Se existe um momento anterior, como no caso da narrativa do nascimento e criação de André Pinot e seu circo, ela se dá como preparação para o recorte temporal da narrativa ou ainda para o destino da personagem. Além disso, respondendo à necessidade de brevidade e de flagrar um momento específico na vida da personagem, o tempo de um conto tende a ser curto, passando-se em horas, dias, meses ou poucos anos.

Na narrativa que estamos estudando, por exemplo, o período de tempo não pode ser definido em uma unidade de medida, mas, aparentemente, o enredo se passa em poucos meses. Ademais, trata-se de um momento ímpar na vida dos habitantes de Cartesinos e dos participantes da trupe circense, no qual suas vidas são modificadas.

- **Unidade de espaço** – O espaço onde as personagens circulam é bastante restrito e raramente eles passam de um lugar a outro. Em *Inclassificáveis*, as personagens não saem da cidade de Cartesinos na maior parte do tempo e, quando saem, não sabemos o que acontece.
- **Unidade de tom** – as palavras são usadas para reforçar uma ideia central que perpassa o texto e para manter uma tensão na narrativa, por isso, costumam fazer parte de um mesmo campo semântico. No geral, no conto não há espaços para digressões, para elementos acessórios, ou seja, nada que não responda à ideia central ou ao clima de tensão é bem-vindo.
- **Personagens** – o conto costuma ter poucas personagens que intervêm de verdade na narração. Apesar de poder ter uma enorme quantidade de personagens, poucas são

aquelas que têm protagonismo na ação do conto. No caso de *Inclassificáveis*, apesar de termos um grupo enorme de personagens, tanto na cidade, quanto no circo, e de suas histórias sofrerem transformações, o que novamente descaracterizaria a narrativa como conto, o fato de apenas André Pinot e Beto Prajá terem uma ação efetiva dentro da trama e serem agentes transformadores da vida das outras personagens, traz o livro novamente para a espectro do gênero conto.

- **Estrutura do conto** – o conto costuma ser breve, escrito em terceira pessoa e a linguagem ser mais objetiva, com metáforas simples, passíveis de serem compreendidas rapidamente pelo leitor. O diálogo pode ser o modo de expressão mais privilegiado, em detrimento da narração e da descrição.

No livro estudado, é bastante comum vermos longos diálogos, inclusive alguns em que várias personagens participam ao mesmo tempo, ainda que exista bastante descrição e narração. No entanto, por não apresentar a forma clássica do diálogo, às vezes eles podem passar despercebidos ao leitor. Abaixo, apresentamos um exemplo desse procedimento em *Inclassificáveis*:

Circo é sonho, dizia ao amigo Beto Prajá que não desgrudava dele. Que sonho?, Os sonhos do povo, E o senhor sabe como o povo sonha?, Claro que sei, garoto! Todo mundo tem um sonho, Eu não tenho, Claro que tem! No fundo todos nós sonhamos alguma coisa. (MAHON, 2021, p. 47).

No conto, o começo deve sempre fisgar o leitor, assim como, no resto dele, tudo deve caminhar para o clímax e o desfecho. O clímax é o momento em que o leitor é surpreendido por uma mudança ou algo extraordinário que acontece na narrativa, enquanto o desfecho é o desenlace, o desenrolar dos acontecimentos anteriores.

Em *Inclassificáveis*, esses momentos são bastante perceptíveis, já que o clímax se dá no momento em que se decide montar um novo circo, e o desfecho (inclusive marcado textualmente com esse nome), acontece quando, num ambiente algo mágico e onírico, as pessoas da cidade assumem a posição de artistas de circo.

Acreditamos que com esses elementos seja possível entender melhor o livro de Eduardo Mahon e fazer um bom *podcast* com seus alunos.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS

BAKHTIN, Mikhail. **Cultura popular na Idade Média**. São Paulo: Hucitec, 2010.

Neste trabalho, o autor analisa as mais diversas manifestações artísticas populares da Idade Média, tendo como fio condutor a obra de François Rabelais, chegando à conclusão de que tinham um caráter renovador e contestador da ordem vigente, demolida pelo riso subversivo.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

Neste artigo, o famoso crítico literário brasileiro discute o papel formador das artes e da literatura para a formação do ser humano. Defende que a literatura é direito de todos e como tal tem o papel de formar e humanizar as pessoas.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe Editora, 2020.

Em uma época em que o que é valorizado é o sucesso a todo custo, o que falaria um livro sobre o fracasso? Analisando “clássicos” da cultura pop como *Bob Esponja*, *Procurando Nemo* e *A fuga das galinhas*, o livro propõe uma forma de desconstruir padrões universais de sucesso heteronormativo, buscando uma alternativa mais focada num sucesso alternativo, na comunidade dos estranhos, dos diferentes e dos fracassados.

ARTIGOS CIENTÍFICOS

PANTANO, Andréia Aparecida. **Um olhar sobre o corpo nas artes circenses e no teatro**. *In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*. Fortaleza, 2009.

O breve artigo nos propõe uma pequena história do circo e como os corpos são abordados dentro dessa arte.

PROGRAMAS DE TV E FILMES

SARAMANDAIA. Direção: Globo. Brasil: TV Globo, 1976.

A história se passa no fictício município de Bole-Bole, no interior de Pernambuco, onde

um plebiscito acontece com a finalidade de mudar o nome da cidade. Duas facções se dividem em torno do problema: os tradicionalistas, que desejam manter o nome da cidade, e os mudancistas, que apoiam a mudança. No entanto, o que mais chama a atenção na novela são as características de Realismo maravilhoso que ganha, ao misturar personagens extraordinárias ao cotidiano da cidade.

AMERICAN HORROR HISTORY – FREAK SHOW. Direção: Ryan Murphy; Brad Falchuk. Estados Unidos: FX, 2015.

No ano de 1952, uma trupe circense e seus seres estranhos chegam à cidade de Júpiter, Flórida, comandada por Elsa Mars, mulher que esconde muitos segredos do seu passado. As personagens do circo vivem em conflito com pessoas, representantes das forças do mal, que não conseguem entender suas diferenças.

HARMONIAS DE WERCKMEISTER. Direção: Bela Tarr. Hungria, 2001.

Em uma pacata cidade da Hungria, o povo espera pela chegada de um circo, que traz consigo uma carcaça de baleia e um estranho príncipe, que atrai seguidores de outras cidades pelo seu niilismo e discurso contra a burguesia. Com a chegada dessas pessoas e do frio, assim como o acontecimento de vários fatos estranhos a cidade é perturbada e o apaixonado carteiro János Valuska a vê cair em revolta.

SOBRE EDUARDO MAHON

MATO GROSSO. Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso. **Sobre Eduardo Mahon**. 2018. Disponível em: <http://www.ihgmt.com.br/index.php/socios-atuais/323-eduardo-mahon>. Acesso em: 23 jan. 2021.

Página com informações sobre a biografia e a obra do escritor Eduardo Mahon.

NUNES, José. **Como eu escrevo**. 2019. Disponível em: <https://comoeuescrevo.com/eduardo-mahon/#:~:text=Eduardo Mahon é poeta%2C romancista e contista>. Acesso em: 19 out. 2021.

Entrevista dada ao blogueiro José Nunes, na qual o autor descreve alguns fatos da sua vida, os hábitos e manias que tem para escrever, quais as partes de que não gosta, assim como o que o motiva a escrever e lhe causa prazer ao fazê-lo.

SOUZA, Sandra Maria Alves. Haicais na composição poética de Eduardo Mahon. **Revista Água Viva**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 1–12, 2020. DOI: 10.26512/aguaviva.v5i2.30907.

Ensaio sobre a trilogia *Meia Palavra Vasta* (2014), *Palavra de Amolar* (2015) e *Palavrazia* (2015), que permite conhecer um pouco mais da obra poética do escritor mato-grossense.

ARTIGO SOBRE O LIVRO DE POESIAS

Sobre o circo e os artistas circenses

PANTANO, Andréia Aparecida. **Um olhar sobre o corpo nas artes circenses e no teatro**. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Fortaleza, 2009.

O artigo conta um pouco da história do circo através dos tempos, partindo da Grécia e Roma Antigas, passando pela Idade Média e Renascimento, chegando até os dias atuais. Ele discute o papel do corpo na representação artística de cada uma dessas épocas.

TURMA DO FUNDÃO. As atrações humanas do “Circo dos Horrores”. **Superinteressante**, [S. l.], 2014. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/turma-do-fundao/as-atracoes-humanas-do-8220-circo-dos-horrores-8221/>.

O artigo da *Revista Superinteressante* fala um pouco sobre a história dos chamados *freak shows*, ou circo de aberrações, e dá uma síntese da vida dos principais artistas que passaram por eles. As histórias ali encontradas permitem uma reflexão sobre os preconceitos e adversidades passadas por essas pessoas, tornadas centro de um espetáculo apenas por suas diferenças.

AIDAR, Laura. **História do circo**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/circo/>. Acesso em: 18 jan. 2021.

Este artigo dá os elementos básicos sobre a História do Circo no Brasil e no mundo, mostrando os tipos de artistas que ali passaram, os espaços em que se desenvolveu e os espetáculos privilegiados em cada época, ou seja, mostra suas modificações através do tempo.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

DOCUMENTOS OFICIAIS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. [s.l: s.n.,2017].

Este documento apresenta os pressupostos teóricos, as competências para cada uma das áreas do conhecimento e suas respectivas habilidades específicas.

LIVROS

CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. *In: A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Neste artigo, Antonio Cândido apresenta alguns pressupostos teóricos sobre a personagem do romance, tais como sua classificação, características e sua função dentro do romance.

CASARES, Adolfo Bioy. **Histórias fantásticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Livro com catorze contos fantásticos do escritor argentino Adolfo Bioy Casares. Nele o escritor se utiliza dos princípios do realismo fantástico latino-americano e, deformando a realidade, incluindo nela o mistério, o insólito e o extraordinário, discute aspectos universais, como vida e morte, a realidade e o imaginário e a intervenção do sobrenatural na vida cotidiana.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2010.

Nas aulas ministradas no Collège de France, em 1975, o famoso filósofo francês Michel Foucault discute o conceito de anormalidade e os problemas que implica, através de três figuras principais, que, segundo ele, foram criadas pelo século XIX: os monstros, os incorrigíveis e os onanistas. Partindo dos mais diversos campos discursivos, como a medicina, o direito e a teologia, o autor discute o poder disciplinar, o poder normalizador e o biopoder sobre o corpos e mentes dessas pessoas consideradas estranhas ao resto da sociedade.

GOTLIB, Nádia Battella. **A teoria do conto**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

Neste livro, a professora Nádia Battella Gotlib traça uma pequena história do conto, apresenta suas características e discute as principais teorias e polêmicas que concernem o gênero.

MOISÉS, Massaud. O conto. *In: A criação literária - Prosa I*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 29–102.

Neste capítulo, o autor elenca os elementos do conto, tais como a brevidade, a unidade de ação, tempo e espaço, etc., descrevendo-os detalhadamente, o que auxilia principalmente aqueles que não conhecem muito sobre o assunto. Além disso, ele utiliza textos literários para exemplificar cada um dos pontos, facilitando o entendimento de cada elemento.

POE, Edgar Allan. **Histórias extraordinárias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Neste livro, temos os contos mais populares e conhecidos do escritor norte-americano, grande responsável pela inserção do terror e do mistério na literatura. Nele encontramos contos como “O gato preto”, “A carta roubada” e “O coração delator”, muito interessantes para o ensino dos contos fantásticos, de terror e de mistério. Os adolescentes costumam gostar muito.

REIS, Carlos. **Dicionário de Estudos Narrativos**. Coimbra: Edições Almedina, 2018.

O dicionário apresenta verbetes sobre os temas mais importantes dos Estudos Literários, tais como personagem, narrador, narrativa, entre outros. O livro é de bastante serventia para aqueles que têm interesse em se aprofundar no campo da Literatura.

RUSSO, Mary. **O grotesco feminino**. Rio de Janeiro.

Através de filmes, livros, artes visuais e análise de elementos culturais, a escritora analisa como o corpo feminino é representado como grotesco, anormal, pela curiosidade, pelo medo e pela necessidade de normatização que desperta. O livro possibilita uma reflexão sobre os padrões do que é ser mulher, questionando o corpo feminino como espetáculo.

VEIGA, José J. Os cavaleiros do Platiplanto. *In: Os cavaleiros do Platiplanto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

O conto reflete as lembranças de um menino, que triste por perder o avô e pela impossibilidade de ter o cavalo que ele lhe prometera, vai parar num mundo maravilhoso, onde participa de aventuras fantásticas e presencia o extraordinário espetáculo de cavaleiros coloridos.

FILMES

EDWARD MÃOS DE TESOURA. Direção: Tim Burton. EUA: Fox Film do Brasil, 1990.

Edward é descoberto pela vendedora Pegg Boggs morando sozinho em uma casa, no alto de uma montanha. O rapaz foi criado por um inventor excêntrico, que morreu antes de lhe instalar as mãos, restando a ele ficar com tesoura no lugar. Isso impossibilita que Edward chegue perto de outros seres humanos. Pegg Boggs leva-o para sua casa, o que causa estranhamento a seus vizinhos, mas Edward os conquista fazendo insólitos cortes de cabelo e belas esculturas de gelo e grama. No entanto, não são todos que conseguem dirimir seus preconceitos e Edward continua a ser perseguido.

FREAKS. Direção: Tod Browning. Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer, 1932.

O filme norte-americano de 1932 apresenta uma trupe circense formada por artistas diferentes, entre eles o anão Hans, que é seduzido pela bela trapezista Cleópatra, que por sua vez tem um caso com o mais forte do circo. Após humilhar os integrantes do circo em sua festa de casamento, Cleópatra irá sofrer as consequências de ter enfrentado a comunidade de “monstros”.

O **HOMEM ELEFANTE**. Direção: David Lynch. Estados Unidos, Reino Unido: Paramount Pictures, EMI Films, 1980.

Baseada em fatos reais, a história de John Merrick é uma das mais emocionantes do cinema mundial. Acometido por uma doença congênita, o homem fica deformado e é forçado a se apresentar em um bar londrino, além de circo de horrores. Salvo pelo médico Frederick Treves, John se desenvolve no hospital em que vive, mostrando sensibilidade e inteligência.

VÊNUS NEGRA. Direção: Abdellatif Kechiche. Bélgica, França, Tunísia: Imovision, 2009.

O filme narra a história de Saartjie Baartman, explorada pelas mais diversas pessoas por ter seu quadril muito avantajado. Ela saiu da África como escrava e na Europa foi obrigada a se apresentar em feiras de aberrações em Londres. Anos depois, é analisada pelo anatomista George Cuvier, que a compara a um macaco, mostrando todo o preconceito do século XIX.

VÍDEOS

ESCOLA TEREZA PINHEIRO DE ALMEIDA, Em Angra dos Reis–RJ. **Clipe de Inclassificáveis, de Arnaldo Antunes**. 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AZ0AAtaqngU>. Acesso em: 22 jan. 2021.

Clipe da música “Inclassificáveis”, de Arnaldo Antunes, produzido a partir dos desenhos dos alunos da 7ª série da escola, nos quais eles interpretam a letra da música e fazem referências às diversas etnias e misturas brasileiras presentes ali.

HOTMART. **Como fazer um podcast?** 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rRPU42zctCg>. Acesso em: 15 jan. 2021.

O vídeo dá dicas básicas de como organizar um *podcast*, de como fazer um roteiro, que tipo de equipamento usar, em que plataformas postar, etc.

SOLEIL, Cirque Du. **Kurios**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nQ5eUJNXrMw>. Acesso em: 16 jan. 2021.

Usando a estética *steampunk*, tão popular entre os jovens hoje em dia, o espetáculo narra a história de um inventor que, no século XIX, cria uma máquina capaz de desafiar as leis de tempo-espaço. Ele deseja modificar tudo a sua volta e, quando tenta realizar esse desejo, cria personagens maravilhosos, frutos de sua imaginação genial.

MÚSICAS

ANTUNES, Arnaldo. **Inclassificáveis**. 1996. Disponível em: <https://www.musixmatch.com/pt-br/letras/Arnaldo-Antunes/Inclassificáveis>. Acesso em: 13 jan. 2021.

Lançada em 1996, no álbum *O silêncio*, a música de Arnaldo Antunes discute o Brasil não como etnias e raças separadas, mas como uma mistura de todas elas. A música traz uma noção de comunidade, de respeito pela diferença e de celebração da diversidade da população brasileira.

SITES

CANALTECH. **Melhores programas e sites para gravar um podcast.** 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/melhores-programas-e-sites-para-gravar-podcast/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

Neste site, podemos encontrar os melhores programas, os melhores aplicativos não só para gravar, mas também para postar um *podcast*. O artigo é muito detalhado e permite tirar muitas dúvidas do processo de criação do *podcast*.

Como fazer um podcast. 2021. Disponível em: <https://klickpages.com.br/blog/como-fazer-podcast/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

Neste artigo, você vai encontrar 12 dicas básicas de como fazer um *podcast*: desde a escolha da imagem visual, da confecção de um roteiro, passando pela confecção das vinhetas, até o processo de finalização.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 13 jan. 2021.

Dicionário *online* da Língua Portuguesa

SOLEIL, Cirque Du. **Cirque du Soleil Connect.** 2021. Disponível em: <https://www.cirquedusoleil.com/CIRQUECONNECT>. Acesso em: 16 jan. 2021.

Neste site, o famoso grupo canadense de circo disponibiliza várias de suas apresentações, vídeos sobre seus treinamentos, sobre a confecção de seus cenários, suas roupas e de sua maquiagem, além de outros elementos do espetáculo. O site é tão especial que disponibiliza alguns treinos que a pessoa pode fazer em casa.

ARTIGOS CIENTÍFICOS

MARÇAL, Márcia Romero. A tensão entre o fantástico e o maravilhoso. **Fronteiraz**, [S. l.], n. 3, 2009.

Neste artigo, a autora discute sobre as principais diferenças entre o fantástico e o maravilhoso e discorre sobre suas principais características

PETROV, Petar. Representações do insólito na ficção literária: o fantástico, o realismo mágico e o realismo maravilhoso. **Nonada: Letras em Revista**, [S. l.], v. 2, n. 27, p. 95–106, 2016.

Neste artigo, Petar Petrov faz uma análise detida sobre as teorias que se detêm sobre o fantástico, sobre o realismo mágico e o realismo maravilhoso, tentando deslindar as diferenças existentes entre eles e os efeitos que provocam nos textos em que são utilizados.

SILVA, Thalita da Costa; GERMANO, José Willington. Entre lonas e picadeiros: um estudo sobre as artes circenses. *In*: 32º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, [S. l.], v. gt-9, 2008. **Anais [...]**. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/32-encontro-anual-da-anpocs/gt-27/gt09-17>.

O artigo propõe uma história do circo, desde seus primórdios na Grécia Antiga, passando pelos saltimbancos da Idade Média, pelos *freak shows* do século XIX, até chegar ao modelo contemporâneo.

SOUZA, Virgínia Laís De. Monstros: do freak show às leituras artísticas. **DO CORPO: Ciências e Artes**, [S. l.], v. 1, n. 3, 2013.

A autora discute historicamente o termo “monstro”, partindo da sua utilização para definir os artistas de circos que possuíam alguma deficiência física e que por isso eram ridicularizados, até chegar aos dias atuais, onde aquilo que é estranho e diferente ganhou novas dimensões artísticas, possibilitando às pessoas repensarem o que antes consideravam repugnante.

Inclassi- ficáveis

EDUARDO
MAHON

Texto Complementar

Daiane Cristina Pereira

Coleção **Contos
Estranhos**

Inclassi- ficáveis

EDUARDO
MAHON

Texto Complementar

Daiane Cristina Pereira


Carlini Caniato
editorial

© Editora TantaTinta Ltda, 2021.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem autorização expressa da editora (art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil, em 2009.

Editores

Elaine Caniato
Ramon Carlini

Capa

Elaine Caniato

Texto complementar

Daiane Cristina Pereira

Revisão

Doralice Jacomazi



Foto: Osmar Cabral Jr.

O autor: Eduardo Mahon

Eduardo Moreira Leite Mahon nasceu no Rio de Janeiro em 12 de abril de 1977 e é filho de Geraldo Martins Mahon e Carla Mahon. Atualmente, mora na cidade de Cuiabá – MT e é casado com a dentista Clarisse Mahon, com quem tem os trigêmeos José Geraldo, Eduardo Gabriel e Eduardo Jorge.

O autor graduou-se em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso no ano de 1999 e hoje é mestre e doutorando no curso de Estudos Literários pela Universidade Estadual de Mato Grosso, onde realiza estudos sobre a Literatura Contemporânea do estado em que escolheu morar.

Na área do Direito, atua como advogado e professor universitário de Direito Processual. Já como articulista e polemista escreve para a *Revista de Mato Grosso*, para o *Portal de Notícias RDM online*, além dos jornais *A Gazeta*, *Folha do Estado* e *Gazeta de Cuiabá*. Sempre tratando de temas atuais e polêmicos, seus textos primam pelo caráter crítico e irônico e por uma linguagem ágil e sagaz.

No campo da Literatura, é romancista, poeta, contista, cronista e dramaturgo, ou seja, um autor completo. Possui 21 livros, entre eles, os romances *A gente era obrigada a ser feliz*, *Mea culpa* e *Eles não podem tirar isso de mim*; os livros de contos *Doutor Funério* e *outros contos de morte* e *Contos Estranhos*; os livros de poemas pertencentes à Trilo-

gia das Palavras, afora textos para o cinema, para o teatro e acadêmicos sobre estudos literários.

O autor é membro da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Ganhou alguns prêmios, entre eles, o título de Cidadão Mato-Grossense e a Comenda Estadual Filinto Müller.

Em entrevista no ano de 2019 para o blog *Como eu escrevo* (NUNES, 2019), o autor mostra que é bastante apegado à família, mas arruma sempre um tempo para escrever seus textos, sejam eles ficcionais ou não. Ali ele também nos fala do prazer que tem ao escrever:

Há uma série de motivações e de motivadores. Tudo começa no prazer. Não sei se existe alguém que realmente faça literatura por obrigação. Não que eu desconsidere a profissionalização do escritor. Muito pelo contrário. Suponho que o escritor é uma profissão e deve ser encarada dessa forma e não com um mero deleite, uma espécie de hobby aburguesado. Contudo, é o prazer que me motiva. Prazer do desafio, prazer da superação, prazer da beleza, prazer do grotesco, prazer da competição, prazer da realização e, finalmente, o prazer da transcendência. (NUNES, 2019)

Esperamos que assim como Eduardo Mahon tem grande prazer em escrever, você também encontre prazer em ler *Inclassificáveis*.

A obra de Eduardo Mahon

Como dissemos, Eduardo Mahon é romancista, poeta, contista e dramaturgo e, como um autor bastante completo, não se apegava apenas a um gênero literário. Souza (2020, p. 1-12) diz que o autor gosta de brincar com as palavras

e possui uma linguagem ativa e dinâmica. Podemos dizer também que, tanto na poesia quanto na prosa, sua linguagem prima pela ironia e pelo rebuscamento, mostrando a nota fina e certa.

Em seus livros, o autor reflete temáticas bastante contemporâneas, como a questão das novas tecnologias, por exemplo, ao mesmo tempo que discute História do Brasil, ou ainda, temas filosóficos e universais, como a questão da vida e da morte. Seu trabalho é marcado pelo insólito e pelo fantástico que invade a vida real e cotidiana, inserindo-se na tradição do realismo mágico latino-americano, questionando assim nossas certezas, nossas posições sociais e nossas mentalidades fixas, além de nossas crenças mais inquestionáveis.

Por fim, com a defesa incansável da arte e da literatura regional, o autor se insere como uma das novas vozes nas Literaturas brasileira e mato-grossense, nos fazendo enxergar mais sobre o mundo, sobre a arte e sobre nós mesmos.

Inclassificáveis e a narrativa curta

Quando lemos o livro de Eduardo Mahon, temos alguma dificuldade em definir a que gênero literário ele pertence, já que apresenta características do romance, da novela e do conto. Dentre os outros livros do autor, este é colocado na série intitulada *Contos estranhos*, que inclui outros contos e narrativas curtas de Mahon .

No geral, acreditamos que o livro possa muito bem ser inserido no gênero conto, e retomarmos alguns pontos deste gênero ajudaria a entender melhor a obra. No entanto, devemos ter em mente que o autor tem uma tendência a brincar com a linguagem e, nesse sentido, ele rompe com o caráter tradicional de alguns elementos, aproximando-se

às vezes mais da novela e do romance, com a finalidade de expressar melhor suas ideias.

Para melhor entender *Inclassificáveis*, vamos analisar um pouco cada elemento característico do conto e ver como ele funciona na narrativa.

Uma das primeiras características do conto é que ele deve ser curto, ter brevidade. Como gênero literário, o conto é flexível e pode até ser longo, entretanto, segundo alguns teóricos, isso seria ruim, porque ele teria dificuldade em prender a atenção do leitor. Dessa maneira, é interessante que o conto tenha apenas uma ação, um espaço exíguo e um tempo breve e concentrado para que possa manter o maior nível de tensão possível e o leitor fique entretido com ele.

A narrativa estudada não chega a ser muito breve, mas também não é longa como a novela e o romance. Acreditamos que isso acontece porque existe a necessidade de dar conta de toda a modificação causada pela chegada do circo e pelo estabelecimento de todos os seus integrantes na cidade, bem como a reação dos moradores de Cartesinos. Assim, é como se só uma narrativa mais longa, mas não muito, abarcasse as ações e movimentos de André Pinot e Beto Prajá, bem como a adaptação das pessoas às novas situações apresentadas.

Pelo mesmo motivo, acreditamos que o autor desconstrói outro elemento básico do conto, a unidade de ação. No geral, o conto deve ter apenas uma ação, um só conflito, um só enredo, que deve girar em torno de algumas poucas personagens, ou seja, não deve ter muitas histórias, nem muitos atos praticados.

Em *Inclassificáveis*, o autor parece quebrar com a unidade de ação, pois, apesar de parecer contar apenas as consequências da chegada do circo, ele encadeia várias his-

tórias: a própria chegada do circo, o espetáculo circense, o estabelecimento de André Pinot e dos artistas na cidade, a modificação da vida de Beto Prajá, o planejamento de um novo circo e a transformação deste último em dono de circo e dos moradores da cidade em artistas. Segundo esse ponto, a narrativa se aproximaria mais da novela, que possui ações encadeadas, o que é característica deste gênero e não do conto. Esse traço do livro é ousado, porque rompe as próprias convenções do gênero, mas também irá permitir ao leitor assistir à transformação das personagens do circo e de Cartesinos, deixando transparecer nesse processo a necessidade de aceitação daquilo que é diferente e o papel formador e transformador da arte.

Não obstante, o autor ainda segue outro elemento do conto, isto é, a unidade de tempo. O conto é caracterizado por sua momentaneidade, o que significa que ele representa um instante na vida das personagens, um recorte de tempo em suas vidas. Poucas vezes são narrados momentos passados ou futuros, e se existem são narrados em função daquele momento da vida da personagem. Por exemplo, se se narra o nascimento de determinada personagem, ele acontece para justificar o destino na personagem naquele momento. É o caso da narração do nascimento e criação de André Pinot, em nosso livro, que serviria para justificar o porquê de ele ser dono de um circo.

Em nosso livro, o recorte temporal é um instante que corresponde a um momento na vida dos habitantes de Cartesinos, referente à chegada do circo até sua partida, transformado pela presença de novos integrantes. Pelo caráter mágico e insólito de que se reveste a narrativa, é difícil definir quando ela aconteceu, podendo ter ocorrido em qualquer momento no século XX ou XXI brasileiro.

Outra característica do conto com relação ao tempo e que responde à necessidade de brevidade é que ele deve se passar em um espaço curto de tempo, como em horas, dias, meses ou poucos anos. No livro de Eduardo Mahon, não dá para definir com exatidão esse tempo, mas podemos dizer que o enredo se passa em poucos meses, porque não notamos grandes modificações físicas na cidade, nem em seus moradores. Ainda que aconteçam mudanças, a narrativa é reticente sobre se Beto Prajá virou adulto, se André Pinot envelheceu, etc., o que justificaria a passagem de tempo de alguns meses.

Outro aspecto do conto que o autor parece seguir é a unidade de espaço. O espaço, dentro da ficção narrativa, é o lugar onde as personagens circulam, onde elas estão. No conto, esse espaço costuma ser bastante restrito e dificilmente uma personagem se desloca de um ambiente ao outro. Se o faz, corre grande risco de o leitor não ter acesso. No caso desta narrativa, as personagens não saem de Cartesinos e, quando saem, como é o caso do segundo grupo circense, não temos informação sobre a ação que acontece em outro espaço.

Um conto tradicional também tem uma unidade de tom, o que significa reforçar uma ideia central através de palavras do mesmo campo semântico, ou seja, com palavras com significados parecidos. Isso acontece para que se mantenha o clima de tensão e o autor consiga sintetizar a temática do conto. Em *Inclassificáveis*, um bom exemplo disso é a atmosfera de estranheza que temos nos primeiros capítulos, quando da chegada do circo. As palavras do campo semântico da anomalia e do diferente reforçam a ideia do medo e curiosidade que o diferente causa. Além disso, demonstram o preconceito dos habitantes da cida-

de, que, acostumados com a realidade da vida cotidiana e difícil, têm certa resistência para aceitar o que é novo ou diferente.

Além disso, de uma forma ou de outra, o livro também segue a estrutura geral do conto. O conto costuma ser breve, como já dissemos, escrito em primeira pessoa e sua linguagem deve ser objetiva, com a finalidade de ser facilmente compreendida pelo leitor. Não deve ter muitas digressões, assim como as narrações e as descrições não devem ser muito longas. Nesse contexto, o diálogo é com frequência privilegiado.

No livro em análise, apesar de o autor não seguir a forma clássica do diálogo, ele utiliza o procedimento diversas vezes, principalmente quando quer colocar em cena os preconceitos da cidade, o embate de ideias entre grupos, além das ideias sobre o circo e a arte.

Outras características do conto que têm como intenção fisgar o leitor e prender sua atenção são o clímax e o desfecho. O conto deve começar em uma aura de tensão e ela deve caminhar para o clímax e o desfecho. O clímax é o momento em que o leitor é surpreendido por uma mudança ou algum acontecimento extraordinário na narrativa. Já o desfecho é como os acontecimentos se desenrolam, resolvendo a questão que aconteceu no clímax.

Em *Inclassificáveis*, pela variedade de pequenas unidades de ação, existem alguns pequenos clímaxes, como o anúncio de Beto Prajá da chegada do circo e a decisão de André Pinot em ficar na cidade, mas o grande momento de clímax se dá quando os moradores, influenciados pelo “quase anão”, se decidem a montar um novo circo. O desfecho (inclusive marcado textualmente com esse nome) é quando as pessoas da cidade assumem os lugares dos ar-

tistas, estabelecendo-se, assim, um ambiente mágico, que reflete o sonho dos novos integrantes do circo, substituindo o clima de insólito que se constituiu no começo do conto.

Quanto às personagens do conto, elas costumam ser em número pequeno e para serem assim consideradas devem intervir na história. O conto pode ter uma quantidade interminável de personagens, mas apenas algumas agiriam na história. Por considerarmos que a categoria **personagens** seja a mais importante em *Inclassificáveis*, iremos analisá-la em outro tópico, mas já adiantamos que ela também não segue o modelo tradicional do conto.

Assim, podemos dizer que o livro *Inclassificáveis* pode ser inserido no gênero literário conto. No entanto, por quebrar paradigmas para afirmar a arte como construção, desconstrução e aceitação das diferenças, o autor se mostra ousado e a narrativa se torna muito mais interessante.

As personagens de *Inclassificáveis*: o embate entre grupos sociais e a aceitação das diferenças em nome da arte

Como já dissemos, o conto costuma ter poucas personagens que intervêm na narrativa e participam da ação da história. Entretanto, em *Inclassificáveis*, apesar de André Pinot e Beto Prajá serem as personagens principais e, por isso, terem uma ação efetiva na trama, as outras personagens têm protagonismo como grupo social, o que não descaracterizaria o livro como conto.

Como você já deve ter visto em algum momento de sua trajetória escolar, as personagens de ficção podem ser descritas como uma figura humana e humanizada e a narrativa gira em torno dela, ou então, ela contribui para a história como personagem secundária. Além disso, ela pode ser localizada pelo seu nome, pelas suas características físicas

e psicológicas, assim como pelas palavras que utiliza ou as palavras utilizadas pelo narrador para falar sobre ela. Aqui temos um exemplo de como poderíamos localizar uma personagem através da descrição de André Pinot:

No cartão distribuído pelo serelepe pigmeu, lia-se o nome de André Pinot. Mais abaixo estava gravado em letras miúdas o cargo que ocupava à frente da bizarra trupe: Diretor Geral do Fantástico Circo do Doutor Jean Pinot, Chefe de Picadeiro, Domador de Dragões, Embaixador Plenipotenciário de Atlântida e Homem-Bala. (MAHON, 2021, p. 18).

No trecho, ainda que outras informações sejam acrescentadas a essas características conforme o romance avança, podemos reconhecer seu nome, suas características físicas e atitudes, como ser pequeno e muito ágil, além de sua profissão.

Mesmo que sejam classificadas como personagens principais e secundárias, elas também podem ser caracterizadas como personagens redondas e planas. Entender um pouco como essa classificação funciona ajuda a enxergar melhor os detalhes das personagens e as ideias de nosso livro.

As personagens redondas são mais complexas, suas descrições têm mais detalhes, suas atitudes são seguidas mais de perto pelo narrador e temos mais acesso à sua vida íntima. Como podemos constatar em um texto de Antonio Candido (2007, p. 63), elas são personagens mais interessantes, conseguem atingir realizações mais difíceis e suas atitudes nos surpreendem. Suas caracterizações físicas e psicológicas são mais detalhadas e temos acesso aos seus pensamentos, seus temores, seus sentimentos íntimos, suas mudanças de posição, etc.

A personagem Beto Prajá é desse tipo, pois desde o começo da história sabemos que ele é órfão e que serve a todo mundo em Cartesinos para manter a subsistência. Ele também apresenta um caráter bem complexo, pois se mostra medroso e curioso no início. Contudo, com a chegada da trupe circense, mantém uma atitude cética, porém aberta a novas pessoas e experiências, como a amizade de André Pinot, que o auxilia a se repensar e modificar suas atitudes e sua vida, tornando-se ele próprio chefe de um circo, isto é, tem a principal característica da personagem esférica, que é nos surpreender.

As personagens planas são representações de tipos sociais e sua caracterização é constituída apenas através de uma ideia, reincidindo muitas vezes no mesmo tipo de descrição, de comportamento, de atitudes e de palavras limitadas. Por isso, elas são muito restritas e suas características são vistas de fora, pois não temos acesso aos seus pensamentos, sentimentos, decisões, etc. A título de exemplo, utilizaremos a primeira descrição dos moradores da cidade, que não irá mudar muito até o fim do conto:

Os irmãos Barroso, gêmeos que combinavam vestirem-se igual, a viúva Leocádia, mãe de quatro filhos que emigraram de Cartesinos à procura de vida melhor, o pároco labrego que cuspiam sem cessar, o prefeito e a mulher dele, uma senhora redonda que notoriamente pecava com Nico Bola Sete, o mais habilidoso esportista de sinuca. Vieram Mané Torto, dono do botequim colocado em recesso por força maior; Taumaturgo Botelho, o bêbado-filósofo que trocava duas frases de Sartre por uma dose de pinga; Ofélia Rego Alto, a quituteira de mão cheira com especialização em empadinhas de galinha caipira; e a molecada do Centro Edu-

cacional Vigário Seixas ainda de uniforme suado. (MAHON, 2021, p. 13).

Como podemos verificar no trecho, as personagens que representam alguns dos moradores da cidade de Cartesinos são vistas por suas características gerais, como sua descrição, sua profissão, algum defeito, alguma habilidade e atitude. No início, seja pelo fato de o livro ter características de conto ou pelo narrador querer colocar essas personagens como tipos sociais, elas não são aprofundadas e não podemos adentrar em sua vida interior.

O autor se valeria dessas personagens planas, equivalentes a estereótipos literários, muito presentes no imaginário brasileiro, representados pelo padre caturra, pelo prefeito politiqueiro e corrupto, a primeira-dama adúltera, o filósofo bêbado, a mulher grávida abandonada, o dono do boteco conciliador, a solteirona estranha, os irmãos misantropos e inseparáveis, para formar um grupo, uma comunidade incapaz de ver além das coisas práticas do cotidiano, o que gera curiosidade, mas também preconceito e medo, não tendo, portanto, habilidade para aceitar as diferenças.

Cartesinos é uma cidade marcada pelo solo pedregoso, pelo calor, pela falta de chuva, pela pobreza e pela falta de trabalho. Tais marcas da cidade torna as pessoas duras, práticas e temerosas das coisas diferentes. Elas não conseguem inicialmente ver o novo como algo legal ou positivo, por isso, assumem como grupo uma posição de eles contra nós, que só será revertida com a instalação dos moradores do circo e com a ação de André Pinot e Beto Prajá.

O grupo do circo, que no início do livro não tem nem nomes (com exceção de André Pinot e Tirésias), é mostrado quase como seres mitológicos, classificados por suas ca-

racterísticas e capacidades corporais e profissionais. Com exceção do anão André Pinot, os outros são vistos como o vidente, a mulher-gato, as gêmeas siamesas, os ciclopes, o homem-preguiça e a cabeça barbada, ou seja, são nomeados através de suas formas exteriores, como um grupo de pessoas estranhas de quem se deve ter medo.

Assim, se impõe um clima de nós X eles, diferente X igual, normal X anormal, que reflete não só os medos humanos, mas a incapacidade de entender o outro e desfazer-se de uma mente fechada com crenças obtusas. É interessante observar que esse caráter superficial com que vemos as personagens de Cartesinos e da trupe não representa só a incapacidade deles em enxergar o outro, mas também a do leitor. É como se ao não os ver por inteiro, como indivíduos, não conseguíssemos enxergar além das aparências que nos são mostradas. Assim, a narrativa apresenta um olhar humano.

No entanto, as personagens da narrativa se modificam e nós conheceremos melhor os integrantes da trupe circense, acompanhando sua adaptação à cidade, assim como veremos os moradores da cidade aceitá-los, modificando sua mentalidade. Além disso, estes últimos se mostram mais sonhadores e criativos, tornando-se os próprios artistas do circo. Essa mudança pode ser percebida, em sentido geral, como a necessidade de aceitação do diferente e entendimento entre as pessoas. Por outro lado, tal modificação também reflete sobre como a arte, em todas as suas formas, pode ser transformadora, tornando a vida mais interessante, mais sonhadora e mais bonita.

A arte como ação transformadora em *Inclassificáveis*

Nos dias atuais, temos visto a luta das pessoas consideradas diferentes para serem incluídas nos meios sociais,

bem como o preconceito sofrido por elas. Apesar de alguns avanços, pessoas com deficiências, negros, mulheres, idosos e pessoas gordas sofrem preconceito por serem diferentes daquilo que a sociedade tem por padrão. Pensem, por exemplo, como é incomum ver uma pessoa com alguma deficiência física como protagonista de um quadro, de um programa de TV ou mesmo de um vídeo viral do YouTube. No entanto, é necessário que a sociedade, como um todo, tente diminuir os preconceitos e aceitar o outro com sua diferença para criar um ambiente com maior diversidade, somente assim podemos projetar um mundo mais tolerante e melhor.

A literatura e a arte têm um papel muito importante nesse processo, porque, ao discutirem os problemas sociais, nos ajudam a refletir sobre eles e como enfrentá-los. É justamente isso que faz o livro de Eduardo Mahon. Ao construir uma trupe circense, inspirada nos artistas dos *freak shows* dos séculos XIX e XX e nos problemas físicos que apresentavam, o autor reforça o medo e a curiosidade que o diferente pode causar, bem como a violência sofrida pelas pessoas com características físicas diversas.

Essa abordagem reforça que as diferenças são construções sociais e, por isso, são passíveis de modificação. Esse ponto de vista oferece uma válvula de escape, pois demonstra como é possível que todos convivam em uma sociedade diversificada, em que todos possam mostrar seus interesses, suas habilidades e suas necessidades, assim como os integrantes do circo o fazem quando se adaptam à vida de Cartesinos, ou os moradores da cidade tornam-se artistas circenses.

Entretanto, não é só isso que ele mostra, ele também reflete sobre a força humanizadora da literatura e da arte,

representadas aqui pelas atitudes de André Pinot, que fez com que a cidade aceitasse as diferenças, mas também mudou a vida de Beto Prajá, possibilitando que ambos saíssem de uma posição cética para uma mais sonhadora. Sua ação é tão efetiva que permite que as pessoas percebam que a arte, também uma construção, não deve ser só objeto de fruição, de admiração ou repulsa, mas também que todos podem produzi-la.

Dessa maneira, podemos afirmar que com *Inclassificáveis* aprendemos que mudar nossa mentalidade é possível, que aceitar as diferenças é importante para a formação de uma comunidade mais complexa e saudável e que a arte nos humaniza, pois nos ajuda a mudar nossas crenças e nossas percepções sobre nós mesmos e sobre os outros.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MAHON, Eduardo. **Inclassificáveis**. [s.l.]: Carline & Caniato Editorial, 2021.

NUNES, José. **Como eu escrevo**. 2019. Disponível em: <https://comoeuescrevo.com/eduardo-mahon/#:~:text=Eduardo Mahon é poeta%2C romancista e contista>. Acesso em: 19 jan. 2021.

SOUZA, Sandra Maria Alves. Haicais na composição poética de Eduardo Mahon. **Revista Água Viva**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 1–12, 2020. DOI: 10.26512/aguaviva.v5i2.30907, p. 2.

Obras do autor, pela Carlini&Caniato:

- Nevralgias
- Doutor Funéreo e outros contos de morte
- O cambista
- Meia palavra vasta
- Palavra de amolar
- Palavrazia
- O fantástico encontro de Paul Zimmermann
- Quem quer ser assim sem querer?
- Um certo cansaço do mundo
- Contos estranhos (*Weird Tales*)
- O homem binário e outras memórias da senhora Bertha Kowalski
- Alegria
- Azul de fevereiro
- A gente era obrigada a ser feliz
- Mea culpa
- Eles não podem tirar isso de mim
- Paraíso em fuga
- Galileu dançou por muito menos
- Inclassificáveis
- Resumo da ópera
- O vírus do Ipiranga
- Contos escolhidos de José de Mesquita (org.)
- Piedade, um romance de José de Mesquita (org.)
- A literatura contemporânea em Mato Grosso